O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV | ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANO 4$600 reis; SEMESTRE: 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: ano 5$14; SEMESTRE 2$650; TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe. | PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS

Quarta-feira 17 de novembro de 1886 | PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos. | NUMERO 3:541

E' um dos nossos correspondentes Pariz **Monsieur A. Lorette**.—Rue nartin, 61.

ARIO:—As eleições.—As eleições administrativas no distrito Aveiro.—Anselmo Braamcamp. ão Carlos Gomes.—Noticias lo ães.—Noticias diversas.—Novas longe.—Apontamentos para a storia dos caminhos de ferro em ortugal, *por João Antonio Peres breu*.—Folhetim, O oraculo, *por amilo Diniz*.—Arabescos e miniaras.—Bibliografia.—Reclame. arte oficial.—Telegrafia.—arta de Lisboa.

Aveiro

AS ELEIÇÕES

Fizeram-se as eleições municipaes e itaes, e ao contrario das profecias Nostradamus da oposição, não corsangue, nem a urna foi desacatada, tambem foi violentado o colegio pral. Por toda a parte houve socego, nenhuma assembleia se manifestou a agração, que tanto era de recear da os animos quando mais exacerandam as paixões politicas.

Mas tudo correu na melhor ordem, endo alterada a paz publica. Se se um ou outro conflito, em resultou de questões de formação de meza a admissão a votar de qualquer cio cuja identidade não estava bem guada, taes fátos repetem-se com encia ainda nas lutas mais pacificas, admirando que rebentassem n'uma noitura em que os partidos se deglam com tamanho desassombro.

O que é certo é que não se reproduzem as scenas que em eras que não vão se ensanguentaram a nossa cronica itucional. Não ha a lamentar nenhum cato á magestade dos principios. Os elegeram livremente, votando coqueriam. Não se estabeleceram pres nem se fizeram ameaças. Cada um ceu livremente os seus direitos poli, e se em uma ou outra assembleia e protestos, cumpre-nos acrescentar em tempo algum deixaram os vencide os apresentar, ou como expressão suas convicções mais sinceras, ou a como homenagem aos que pretenlisongear, procurando atenuar a ota com alegações improvadas.

No distrito d'Aveiro a oposição venapenas por poucos votos a eleição icipal de Sever do Vouga. Em Ilhão houve luta. Constituintes e prosistas foram á urna, sem todavia se ilisarem. Os ultimos atenderam apeá eleição de procurador á junta geo fim de reforçarem o colegio eleitode Vagos. Não era na hora em que nisava o seu illustre chefe, que a morrebatava no dia seguinte, que os seus gos e camaradas politicos, os que reiam d'ele as instruções e o conselho iam de arremeçar-se ao meio da ba, envidando esforços e arcando vaemente com os adversarios. Assim mprecenderam eles, e assim o execum.

Em quatorze concelhos venceu a lisprogressista por grande maioria, tendo nanimidade em Aveiro, Agueda, Anadouca, Paiva, Mealhada, Oliveira Bairro, Ovar e Vagos. Os vinte e um oradores á junta geral venceu-os o ido progressista, o que é talvez caso o em o nosso paiz. Na assembleia rital não encontrará ele um *voto con*·Esta demonstração é do mais alto r, por exprimir a força de que dis o mesmo partido n'esta grande circumscripção administrativa.

E, seja dito de passagem, se o governo o seu delegado de confiança em Avei tivessem regulado por normas conas á justiça e á moralidade, se atensem só a presumidas conveniencias ticas, sem terem em vista os altos inisses sociaes, temerosa seria a oposique havia de levantar-se por ocasião eleições municipaes e distritaes. Era a então que os partidos reservariam o as suas armas mais bem temperacomo desagravo dos seus direitos lados. E ninguem lhes levaria a mal aceitassem a requesta no campo do agio. Recorreriam para o juizo da ião, que não se deixa embair por ilecos, nem arrastar pelas prédicas gitas d'uns alquilés politicos, que suo que o mundo se governa pelas sues da sua luquacidade patarata.

Todos os partidos são fortes quando a orientação dos seus deveres polis, propugnando pelas conveniencias licas sem québra dos principios. Ahi os o exemplo em Aveiro. Porque se feito administração, porque a politica presenta de um modo correto, porque m sido attendidas todas as pretenções as, porque não ha escolhidos nem rébos, porque todos são administrados, ultante acaba de assinalar-se nas es do dia 14, em proveito da ordem bo homenagem á liberdade legal.

Foi que mencionamos o facto, que, re-o, nos parece unico, porque na ia, constitucional do paiz não ha exemplo de tamanha concordancia politica, quando a urna livre chamava os colegios eleitoraes a exercer os seus direitos.

Aplaudimos e aplaudimo-nos. E' que o partido progressista para sair triunfante de todas as refregas basta apresentar-se, unidas as fileiras, para grangear o respeito, a consideração e o voto das multidões.

AS ELEIÇÕES ADMINISTRATIVAS NO DISTRITO D'AVEIRO

Em todo o distrito de Aveiro a politica progressista alcançou, n'esta ultima campanha eleitoral, um brilhante e assinalado triumfo. Não há memoria de derrota mais completa e mais vergonhosa para os partidos coligados da oposição.

Não lograram eleger nem um só dos seus candidatos a procuradores á junta geral—nem um para amostra. A junta, que tem de constituir-se em janeiro, é unanimemente progressista, quando aliás, ainda na penultima eleição, haviam sido eleitos pelos constituintes 4 procuradores, e pelos regeneradores 9.

Começou a derrota pela capital do distrito, onde a oposição, blasonando de tanta força que chegou, ainda na vespera, a regeitar a minoria, que magnanimamente lhe offerecíamos, á ultima hora abandonou ridiculamente a eleição, sendo preciso desdobrarmos a nossa votação para elegermos, como elegemos, o quadro completo da camara municipal. E tornou se tão acentuada a nossa victoria, que, apesar da falta de luta dispensar grande numero dos nossos fieis correligionarios de exercer o direito do sufragio, a nossa votação foi muito superior á maioria absoluta de todos os cidadãos eleitores. Sendo 3:883 o numero dos eleitores de todo o concelho, os nossos candidatos da maioria foram eleitos por 1:769 votos, e os da nossa minoria por 327; isto é, foram á urna sem o mais leve esforço, com a maior expontaneidade, 2:096 eleitores progressistas. Podiam pois coligar-se todos os partidos oposicionistas, e lutar como desesperados, que ainda que fizessem votar os ausentes, os entrevados, e os proprios mortos, nunca chegariam a levar mais do que um terço dos eleitores. E' assim que nós costumamos achatar as parlapatices dos adversarios.

Foram portanto eleitos no

CONCELHO DE AVEIRO

Junta Geral

Efétivos.—Visconde de Valdemouro, com 1:769 votos; Rufino Cesar de Sousa Monteiro, com 1:767 votos.

Substitutos.—João Bernardo Ribeiro Junior, com 1:767 votos; Domingos João dos Reis, com 1:766 votos.

Camara Municipal

Efétivos.—Manuel Firmino d'Almeida Maia, com 1:769 votos; Elias Fernandes Pereira, com 1:769 votos; José Antonio Pereira da Cruz, com 1:769 votos; José dos Santos Gamelas, com 1:442 votos; Antonio Vieira dos Santos, com 1:442 votos; Antonio Eusebio Pereira, com 1:442 votos; Avelino Dias de Figueiredo, com 327 votos; Antonio Antunes de Abreu e Melo, com 327 votos; João José Rodrigues, com 327 votos.

Substitutos.—Joaquim Maria Ala, com 1:767 votos; Antonio José Martins, com 1:766 votos; Antonio Henriques d'Oliveira, com 1:766 votos; Manuel Vieira Alberto, com 1:442 votos; Marcelino Tomaz Vieira, com 1:442 votos; Ricardo José da Silva, com 1:441 votos; Albino José Pinto de Miranda, com 327 votos; Bernardo Duarte dos Reis, com 327 votos; José Lopes Oliveira, com 327 votos.

No concelho de Oliveira de Azemeis, venceu tambem por grande maioria o partido progressista, depois d'uma renhidissima luta, ficando eleitos:

Camara Municipal

Efétivos:—Dr. Francisco Albano Amador Pinto Valente; dr. José Lopes Godinho de Figueiredo; Antonio José Ferreira Alegria; Manuel Ferreira da Silva; Caetano da Costa Seabra.

Substitutos:—Sebastião Henriques Marques; José Marques Paes de Carvalho; Manuel Joaquim da Silva e Costa; Antonio José Rodrigues; Manuel Soares de Pinho.

Junta Geral

Efétivos.—Comendador José Antonio Gomes Leite Rebelo; Dr. Antonio Simões dos Reis.

Substitutos.—Comendador Manuel Soares d'Oliveira Cravo; João José da Silva Guimarães.

No concelho de Albergaria foi extraordinaria a victoria da lista governamental, porque a oposição empregára ali os ultimos e até os mais indignos esforços.

O partido progressista venceu por 172 votos na assembleia de Angeja, e por 190 nas assembleias de Albergaria, Branca e Alquerubim, tendo assim uma maioria de 362 votos em todo o concelho.

No concelho da Feira a oposição renovou á ultima hora todos os meios de combate, de que a principio desistira, mas foi brilhantemente derrotada.

A maioria progressista foi: na assembleia de Silvalde, de 554 votos; na de Paços de Brandão, de 423; na de Romariz, de 314; na da Feira, de 409; na de Souto, de 700; e nas de Fiães e Louroza, andou por mais de 800; só perdemos na assembleia de Canedo por 104 votos, vencendo portanto em todo o concelho por mais de 3:000 votos de maioria.

Foram eleitos:

Junta geral do distrito

Efétivos—Francisco Xavier Correia de Sá N. e Moura, José Maria Barbosa de Magalhães e Joaquim de Sá Couto.

Substitutos—Antonio Joaquim de Rezende (da Arrifana), Manuel José Brandão (de Aveiro), e Hermenigildo Correia de Sá.

Camara municipal

Efétivos—Adrianó de Sá Moreira Pinto, João Thomaz Pereira dos Santos, José Correia Marques, José Ignacio de Freitas e Roberto Alves de Souza Ferreira.

Substitutos—João Francisco de Pina, João Leite de Souza, José Joaquim Gomes de Pinho e Almeida, Fernando José Milheiro e Raimundo de Almeida Leite de Rezende.

Nos concelhos de Ovar, Estarreja, Arouca, Paiva, Cambra, Agueda, Vagos, Anadia, Mealhada e Oliveira do Bairro, a oposição nem sequer ousou lutar.

No concelho d'Ilhavo, no proprio dia da eleição, a população inteira teve de abandonar tudo para ir selar com lagrimas a campa do seu primeiro, e mais benemerito concidadão. Aproveitou a oposição o ensejo lugubre para fazer eleger por meia duzia de votos quem se encarregue de completar a vergonhosa desorganisação administrativa que ameaça extinguir aquele concelho.

Só no concelho de Sever do Vouga é que, segundo boatos que oficialmente ainda não estão confirmados, venceram, por uma maioria insignificante, o suborno e a veniaga do partido regenerador. E' porém o concelho mais pequeno de todo o distrito, e em nada influe na junta geral, porque vota para ela conjuntamente com o concelho de Agueda, onde a enorme maioria progressista absorve toda a votação adversa que de Sever possa vir.

ANSELMO BRAAMCAMP

E' do nosso presado colega da *Provincia* o artigo que segue:

«Para os homens do seu quilate ha na recordação da morte um mixto de alegria e de saudade, de angustia e de entusiasmo. A cova do justo é um throno. Morreu? perguntavam os romanos. Não! *Disparuit*, desappareceu; mas vive, está comnosco, junto de nós, inspirando-nos com o seu verbo, ensinando-nos com as suas ações, levantando-nos o coração confrangido pelo espéticulo diurno da mesquinhez dos formigueiros obscuros que sarjam de preto o chão, afadigados no trabalho incessante de urdir e desmanchar as teias das intrigas e cobiças.

Felizes dos que téem a cabeça bem alta, e o peito bem largo para olharem com amplo folego os cimos viçosos e melancolicos do cedro, sem darem pelas feridas dos galhos espinhosos e emaranhados, que em volta coalham o chão!

Inter viburna, cupressus. E' assim que se levanta, serena, luminosa, impassivel e sorridente, a figura de Anselmo Braamcamp. Cada ano que passar sobre o da sua morte, o escopro e o buril do tempo, que é o grande estatuario, hão-de accentuar mais e mais os traços da escultura, fazendo renascer para a memoria o homem que morreu para a vida. Esta é a verdadeira immortalidade. Acabou? Extinguiu-se? Não. *Disparuit*. Somiu-se da vista dos nossos olhos, *apparece na luz* da nossa mente. Vive em nós, os que formos dignos d'ele; vive tambem nos indignos; mas n'uns como saudade, n'outros como desafogo; n'uns como exemplo, n'outros como remorso.»

Ha um anno, por ocasião da sua morte, os jornaes celebraram as suas virtudes, comemoraram os seus serviços, exaltaram o seu carater. Nunca é de mais, pelos tempos que vão correndo, proclamar bem alto que a abnegação, o civismo, o sacrificio, existem ainda nos nossos dias: não são apenas frazes sonoras para ilusão dos simples e escarneo dos interesseiros.

Ha gente que nasceu boa, que boa tem de ser, e compassiva para com os grandes pelotões—dos indiferentes á direita, dos egoistas á esquerda; dos descrentes, de um lado, dos que só crêem no seu interesse, do outro lado. Os abstencionistas por dignidade, os abstencionistas por indolencia, os ricos, os que não *querem saber*, e fazem gala d'isso, vejam-se na figura d'este homem que era rico e simples, nem cobiçava ouro, nem fama, nem honras, e deu á patria o socego dos seus anos, arriscou por ela os seus haveres, sacrificou-lhe a velhice, e póde dizer-se que lhe imolou a vida—vejam-se, e não se queixem senão de si proprios, quando lamentarem o desbarato da republica e a mesquinhez dos seus governantes.

Não basta na vida de uma sociedade livre seguir á risca o preceito de Horacio: é necessario mais. Quando os bons se arredam, deixam franco o caminho aos maus. E' necessario não abandonar o posto, apesar do asco, porque o sobejo remedio contra o nojo está no desdem. E' necessario lutar, combater, ainda na quasi certeza de se ser vencido, porque muitas vezes vence-se, e, quando se não vença na estacada, fica-nos esta vitoria imarcessivel do sentimento do dever cumprido, da paz da consciencia; e fica tambem o exemplo, fica a lembrança, deitada na gleba do tempo, como semente que a aragem fecunda da opinião fará germinar um dia. Não ha obras vans: nem as do mal, nem muito menos as do bem.

*

Contaram ha um ano os jornaes os traços da vida publica de Anselmo Braamcamp, que póde dividir-se em cinco periodos distintos.

No primeiro, em 1846-7, Braamcamp é o revolucionario que, ao lado de Sá da Bandeira, em Setubal, dirige as honrosas negociações com os aliados; o homem que trocou os ocios da vida opulenta e fidalga, aos trinta annos, cortando de vez o posto adquirido na magistratura, para ir de aldeia em aldeia, por devezas e azinhagas, distribuindo armas, concitando os povos contra uma tirania odiada.

No segundo, em 1862-3, é o politico habil que suprimio abruptamente a questão religiosa, expulsando as irmãs da caridade; que aboliu os passaportes no interior do reino; que refundiu e ampliou a instrução publica; que fundou a *medalha do trabalho*, instituição desprezada pelos sucessores e que devia garantir aos pobres, cuja miseria incessante faz a nossa riqueza e o nosso bem-estar, os subsidios para a velhice e para a orfandade; é finalmente o reformador audaz que aboliu os vinculos, escapados ao machado abençoadamente demolidor de Mousinho da Silveira; esses vinculos que desde o seculo XIV, a par com a embriaguez oriental, foram os réus da desordem da economia portugueza e a expressão do vicio mais fundo do nosso temperamento—a fidalguia aparatosa.

No terceiro, em 1870-1, é o administrador prudente que, encontrando uma crise financeira declarada, a debelou á força de lealdade, de franqueza, de firmeza; e achando o tesouro na sua situação cronica de um *deficit* da terça parte das receitas, investiu de frente com o problema e propôz o conjunto de medidas mais completo e tão prático que os tempos posteriores vieram a reproduzil-as. Era a reforma da contribuição predial, substituindo a repartição pela quotidade; era a creação das juntas concelhias, a revisão decenal das matrizes; era a contribuição pessoal complementar; era a caixa dos depositos; era finalmente a caixa das aposentações que só agora veio a tornar-se um facto, dezeseis anos mais tarde.

A honradez intemerata, a dignidade impassivel, a inteligencia lucida, a habilidade comprovada do novo ministro da fazenda, teriam resolvido a questão financeira que se agravou todos os dias n'estes dezeseis anos posteriores, se o episodio tragi-comico da *saldanhada* de 19 de maio de 1870 não tivesse vindo derrubar intempestivamente o ministerio.

Do quarto periodo quem se não recorda? Quem se não lembra d'essa epoca atribulada de 1879 a 81, em que Braamcamp, no seu posto do ministerio dos estrangeiros, defendeu palmo a palmo a honra nacional duas vezes ofendida pelos regeneradores que, depois de celebrarem os tratados de Lourenço Marques e da India, aliados aos republicanos, faziam d'essas vergonhas armas contra os adversarios, em tumultos, comicios e desordens—duas vezes ofendida pelos inglezes e pelos regeneradores que um ministro astuto transformára em instrumento das suas ambições? Quem ignora a furia, o despeito, a raiva de Morier, esse em quem aparecia uma recordação de Beresford e dos proconsules que a Inglaterra n'outro tempo mandava a esta sua dependencia ocidental?

Do quinto periodo, finalmente, da guerra implacavel ao Fontismo corruptor e dissipador, não é mister falarmos. E' de hontem, é de hoje mesmo. E a *Provincia*, em cujas paginas se exarou o programa de politica economica, traçado pelo chefe ao partido na romagem do Porto em [illegible] necessita relembrar mais uma vez essas notas do canto do cysne... O seu éco inspira de principio a fim, desde o primeiro dia até hoje, e inspirará infalivelmente desde hoje até ao seu ultimo dia, as folhas d'este jornal que teve, tem e terá como programa, o programa de Braamcamp—a politica economica, adicionando-se ás tradições de honradez e de civismo do velho partido setembrista.

*

Contaram ha um ano os jornaes pouco mais ou menos isto. Não é porém inutil relembral-o.

Não contaram todavia que o ministro britanico, honra lhe seja, depois de vencido, declarava publicamente que na sua carreira diplomatica nunca encontrára espirito mais fixo, inteligencia mais lucida, negociador mais habil, nem tambem honestidade mais inquebrantavel... porque é um erro, muito vulgar hoje, supôr que os homens de carater são por força inhabeis e que a perspicacia é condão exclusivo dos velhacos.

Inteligente, habil, honrado, foi a um tempo Anselmo Braamcamp; mas por sobre tudo isso, foi heroico. Os medicos exigiam d'ele abertamente que se demittisse: matava-se no posto de honra que defendia; mas ele, calado, sereno, sorrindo fleugmatico e impassivel, sofria as dôres cruciantes da doença, e, mais bravo do que o soldado ao assaltar a brecha, no ardor da luta, deixava-se ir morrendo, extenuado pelas crises, inspirado pela clara e alegre comprehensão do seu dever. E Lourenço Marques foi que o matou.

A propria vida, porem, vale para muita gente menos do que o dinheiro. Pois Braamcamp immolava a sua vida, depois de ter sacrificado a sua bolsa. Nos apuros da crise financeira de 1869, quando em volta do tesouro os bandos das harpias, farejando cadaver, eram mais densos e mais negros, o ministro enviou alguem em missão financeira ao estrangeiro, e esse alguem, ao voltar, apresentou a conta das despezas: sete contos de réis! Braamcamp pagou do seu bolso.

Depois, as circumstancias prementes ameaçavam de um instante para o outro com a bancarota. Havia letras a pagar no valor de centenas de contos; não havia um real, e os judeus de Londres exigiam por um emprestimo preços exorbitantes. Com a mesma serenidade, com a mesma fleugma, Braamcamp tomou da pena e subscreveu as letras com o seu nome de particular, arriscando de uma vez mais do que tudo quanto possuia.

Era pois habil, sem deixar de ser honrado, e da honradez subia mais alto, mais alto ainda, até ao heroismo da abnegação. D'onde se vê que entre a habilidade e a velhacaria ha um abysmo. Tambem o cedro altaneiro, entre as sarças da floresta, tem ramos que descem ao nivel do chão; mas descem...

A sua alma, a sua nobreza e o seu imperio estão na cópa que desafia serenamente as nuvens, banhando-se em pleno sol, distribuindo por sobre a rasteirice das moitas um murmurio desdenhoso, que o vento ao passar desfere e de que apenas são confidentes as aves que voam no ar, cantando.

Olhemos todos para o alto, e tomemos coragem nos exemplos que de lá veem. Possa a lembrança do dia de hoje, possa a memoria de Anselmo Braamcamp acordar em muitos corações a ideia de que uma só cousa ha inolvidavel, imarcessivel—o Bem!»

JOÃO CARLOS GOMES

Acaba de apagar-se um espirito formosissimo, uma das inteligencias mais lucidas, desaparecendo para todo o sempre um dos lutadores mais crentes, mais dedicados e de maior abnegação que temos conhecido. E extinguiu-se aquela brilhante luz exátamente no momento em que o partido, que o tinha por sustentaculo valioso, triunfava em toda a linha, como se esta homenagem fosse devida ao homem que por amor d'ele havia sacrificado os seus haveres e a sua vida!

João Carlos Gomes d'Oliveira Vidal era por assim dizermos uma organisação verdadeiramente privilegiada. Nascera em Ilhavo, e ali residia, satisfeito sempre que o procuravam para acudir a alguma privação, repartindo com os pobres o produto do seu trabalho, consolando uns, aconselhando outros, e atendendo a todos, porque ninguem se abeirou d'ele sem que recebesse testemunho de verdadeiro interesse, não distinguindo ninguem pela sua posição social, porque para ele todos eram eguaes.

Na vida intima da familia ninguem havia mais afavel, nem mais carinhoso. No trato partidario, ninguem possuia dotes de mais levantado patriotismo. Era homem de conselho e d'acção. E a sua morte foi uma perda irreparavel para os seus, para o partido progressista local que o tinha por chefe, e para a sua terra natal, que perdeu n'ele um desvelado e valente propugnador dos seus mais caros interesses.

Foi geral e espontaneo o sentimento com que em todo o concelho d'Ilhavo foi recebida a triste nova da morte do nosso desditoso amigo. O saimento do cadaver foi uma demonstração de pezar como rarissimas vezes se dará. Nunca assistimos a cousa egual. Nas ruas do transito passava-se a custo, tal era a aglomeração de gente não só da vila como dos logares visinhos, que queria prestar as suas derradeiras homenagens ao seu melhor amigo e mais desvelado protector. As lagrimas marejavam em todos os olhos, e gritos de dôr saiam de milhares de labios. A propria natureza pareceu querer associar-se ao sentimento geral, pois os céos pardacentos desfaziam-se tambem em lagrimas; a chuva caia a torrentes, mas não obstante ninguem arredava pé. Eram 4 e meia horas da tarde quando saiu o cadaver, levado á mão e precedido das irmandades erectas na vila. Após seguia a filarmonica *Ilhavense* com as caixas forradas de crepes. Não é possivel calcular o numero de pessoas que compunham o prestito funebre, pois subia a muitas centenas, e o das que formavam alas para ele passar esse era dez ou vinte vezes maior. Ladeando o ataúde iam, entre outros cavalheiros, o corpo docente do liceu d'esta cidade, composto dos srs. Elias Fernandes Pereira, Abilio Cesar Henriques d'Aguiar, dr. Manuel Gonçalves de Figueiredo, dr. José Soares, Albino Ladeira, dr. Alexandre José da Fonseca e dr. José Maria Barbosa de Magalhães; tomaram tambem ali logar os srs. dr. Manuel Maria da Rocha Madail, José Maria do Couto Brandão, dr. Joaquim de Melo Freitas, representando a redação da *Epoca*, e Francisco de Magalhães e Marques Gomes representando este jornal, que o finado mais d'uma vez honrára com os seus escritos.

Noticias Locaes

Apontamentos de carteira.—Chegou hontem de tarde de Caminha, e partiu no comboio da manhã de hoje em direcção á capital, o nosso illustrado patricio e 1.° tenente da armada, o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regala.

— Esteve hontem em Aveiro, de passagem da sua quinta do Fontão para o Porto, o nosso antigo e esclarecido amigo o sr. dr. Augusto Maria de Castro Corte-Real, em companhia de sua ex.ma espoza e filha. Suas ex.as seguiram para aquela cidade no comboio da noite.

— Chegou hoje a esta cidade acompanhado do respétivo estado-maior, o sr. general de brigada Jeronimo J. C. de Carvalho, comandante interino da 2.ª divisão militar (Vizeu).

Falecimento.—Faleceu hontem de manhã o sr. Rufino Cesar de Souza Monteiro, vice-presidente da camara municipal d'este concelho, e que no dia 14 tinha sido eleito por Aveiro procurador á junta geral do distrito. Era um carater honesto e respeitavel, e um amigo dedicadissimo. Pertencia ao partido legitimista, e nas lutas locaes prestou sempre o seu apoio desinteressado ao partido progressista.

A toda a sua familia enviamos d'aqui as nossas expressões de condolencia.

Obito.—Faleceu no domingo a sr.ª D. Maria Fernandes de Azevedo e Castro. Foram improficuos todos os esforços da sciencia. A enfermidade progrediu a ponto tal, que não obstante os seus 26 annos, a infeliz senhora succumbiu aos estragos da febre, deixando inconsolaveis os que dedéras a estimavam.

A sua familia os nossos sinceros pezames.

S. Pedro do Sul.—Recebemos hontem de tarde o seguinte telegrama de um estimavel cavalheiro d'aqueles sitios:

«Vencimento em todas as quatro assembleias do concelho por extraordinaria maioria.»

Este resultado foi muito vitoriado em S. Pedro do Sul. O triunfo foi grande e as festas que ali houve revelam o entusiasmo d'aquela população.

Beneficencia.—E' o subscrever para o fim que abaixo vae especificado, para o qual chamamos a atenção de todas as almas caridosas.

Um infeliz sem meios de subsistencia e chefe de familia, corre risco de ir á cadeia pagar a multa de 50$000 reis d'um processo; para evitar esta desgraça, apelamos para a caridade publica e abrimos subscrição.

Transporte....	6$000

Mar.—Continua improdutivo! Foi bom no *domingo e na segunda-feira, mas* nada produziu. Hontem o vento não permittiu o trabalho, e de hoje nada se sabe. E assim continuam as cousas com relação a pesca.

Noticias Diversas

Trabalhos geologicos.—O *Diario* publicou o seguinte decreto:

«Hei por bem crear, em substituição da extinta secção geologica, a que se refere o regulamento organico da direcção geral dos trabalhos geodesicos, topograficos, hidrograficos e geologicos do reino, aprovado por decreto de 18 de dezembro de 1869, uma comissão dos trabalhos geologicos do reino, que ficará dependente da direcção geral de obras publicas e minas, que terá a seu cargo desempenhar todos os serviços designados no n.° 5 do artigo 41 da reorganisação da secretaria de estado das obras publicas, commercio e industria, aprovada por decreto com força de lei de 28 de julho do corrente anno, e que será composta de um engenheiro director dos trabalhos com a graduação de inspétor de minas, e dos engenheiros de minas, adjuntos, que as necessidades do serviço exigirem.»

Despachos de fazenda.—Efetuaram-se os seguintes:

O sr. José Jaques de Menezes de Almeida e Silva, foi nomeado amanuense da direcção geral dos proprios nacionaes; o sr. Jacinto da Costa de Vasconcelos Coutinho Cabral, 2.° oficial da direcção geral dos proprios nacionaes, foi transferido para a tesouraria do ministerio da fazenda, indo d'esta para aquela direcção o sr. dr. Abel Xavier Teixeira de Magalhães; o sr. Jovino Francisco de S. Pinto, amanuense da direcção geral das contribuições directas, foi transferido para a tesouraria; o sr. Francisco Joaquim Moniz de Betencourt, amanuense da direcção geral dos proprios nacionaes, foi tambem transferido para a tesouraria; o sr. Salvador José de Melo, amanuense da direcção geral dos proprios nacionaes, foi transferido para a repartição do gabinete.

Despachos de correios e telegrafos.—Verificaram-se os seguintes:

Joaquim da Silva, distribuidor supranumerario com exercicio no conselho de Vila Franca de Xira, nomeado 3.° distribuidor do mesmo concelho.

Julia Maxima das Dôres Jacques, nomeada ajudante do quadro para o serviço de correios e telegrafos fóra de Lisboa e Porto, com exercicio na estação de Olhão.

Joaquim dos Santos, 2.° guarda-fios com exercicio no Cantão do Poceirão, transferido por conveniencia de serviço para o Cantão de Setubal.

Antonio Augusto Lopes, exonerado do lugar de ajudante do quadro para o serviço de correios e telegrafos fóra de Lisboa e Porto, com exercicio na direcção telegrafo-postal de Bragança, por se achar comprehendido nas disposições do artigo 63.° da organisação decretada em 29 de julho ultimo.

Carlos Augusto de Melo Carneiro Zagalo, demittido do lugar de 2.° aspirante do quadro para o serviço de correios e telegrafos fóra de Lisboa e Porto, com exercicio na direcção telegrafo-postal de Ponta Delgada, por se achar incurso nas disposições do artigo 90.° da organisação decretada em 29 de julho ultimo.

Benedito Augusto Ferreira da Cruz, exonerado, por conveniencia do serviço, do lugar de encarregado da estação de 5.ª classe em Granja.

José Antonio da Costa Ribeiro, exonerado, como requereu, do lugar de 3.° distribuidor com exercicio no concelho da Barquinha.

Manuel Dias Conde, distribuidor supranumerario com exercicio no concelho da Barquinha, nomeado 3.° distribuidor do mesmo concelho.

Paul Bert.—Eis alguns traços biograficos de Paul Bert, o residente geral de França no Tonkim, ultimamente falecido.

Paul Bert nasceu em Auxerre em 19 de outubro de 1883. Sendo ainda creança, partiu para Paris afim de estudar direito; mas vendo que a sua vocação não o chamava para essa carreira, matriculou-se na escola de medicina, onde obteve o seu diploma de medico. Terminando o curso, dedicou-se exclusivamente ao estudo da fisiologia e da anatomia comparada, afim de ingressar no professorado. Não satisfeito com estes conhecimentos especiaes entregou-se a estudos scientificos, manifestando desde logo uma atidão especial para a matematica.

Pouco depois foi nomeado cathedratico da Universidade de Bordeus, onde publicou interessantissimos trabalhos scientificos, que lhe valeram a transferencia para a faculdade de sciencias de Paris.

Em 1875 deu entrada na Academia, ganhando o premio bienal de 20:000 francos, com um livro sobre fisiologia, um dos mais completos e mais notaveis que se tem publicado nos nossos tempos. Claudio Bernard distinguio-o com a sua amisade e com a sua confiança: durante muito tempo foi o seu ajudante preferido. Quando se proclamou a republica, em 1870, foi nomeado secretario geral do departamento de Yone. Em 1871 foi-lhe conferida, *por conselho de Gambeta*, de quem era muito respeitado, a prefeitura do Norte.

Em junho de 1872 foi eleito deputado por Yone. Em 1876 apresentou-se pela circumscrição de Auxerre, vencendo, por grande maioria, os seus adversarios. Desde então foi sempre eleito deputado. Em 1881 pronunciou na camara um eloquente discurso, em que advogou com ardor o serviço obrigatorio dos seminaristas; esse discurso produziu um verdadeiro escandalo entre os claricaes.

Foi ministro, com Gambeta, da instrução publica e dos cultos.

Em 1886, o governo confiou-lhe o cargo de residente geral no Tonkim, onde prestou relevantissimos serviços á sua patria, organisando aquela colonia com um tato digno do seu grande talento.

Paul Bert distinguiu-se no parlamento pela clareza da sua palavra e pelo radicalismo das suas ideias. Os seus discursos impressionavam sempre pela novidade e abundancia de doutrina.

Comtudo, Paul Bert, homem politico, ficará eclipsado por Paul Bert, o fisiologo eminente e o ilustre homem de sciencia.

Passarão os seus discursos parlamentares, esquecerá a sua passagem pelo poder e talvez que se encontre um digno substituto para a residencia do Tonkim; mas a sua memoria viverá durante anos, talvez durante seculos, quando seja considerado como autor dos apreciados livros com que enriqueceu a literatura scientifica contemporanea, no autor dos quaes a posteridade ha-de reconhecer um dos pensadores mais notaveis e mais audazes da nossa epoca.

Requinte de galanteria. — Disem de Coimbra que a abadessa do convento de Santa Clara, fiel ás tradições galantes de tão aristocratico mosteiro, presenteou com pratos de delicados manjares os estudantes do 5.º ano de direito presos por ordem do reitor da universidade.

A respeitavel senhora quiz, com uma graciosa galanteria, suavisar o castigo d'aqueles rapazes.

Alunos de engenheria civil.—Na escola do exercito matricularam-se no primeiro ano de engenheria civil desesseis alunos.

Nos ultimos vinte anos o numero medio dos matriculados era 4 ou 5.

Universidade de Coimbra.—Estão matriculados nas aulas da universidade de Coimbra 1:333 alunos, mais 126, do que no ano passado.

Despachos judiciaes.—Efetuaram-se os seguintes:

Bacharel Julio Pessanha Vilegas do Casal, delegado do procurador regio na comarca de S. Vicente, transferido para Ourique.

Manuel Pedro Lopes, nomeado sub-delegado do procurador regio na ilha das Flores.

Joaquim da Costa Lopes, nomeado sub-delegado do procurador regio em Vale de Paços.

João Nunes Alouzão, exonerado de juiz ordinario da Covilhã, S. Pedro, na Covilhã.

Antonio Francisco, exonerado de juiz ordinario de S. Cosme de Gondomar, comarca do Porto.

João Casemiro Ribeiro Vaz, exonerado de contador e distribuidor do juiz de direito da Povoação.

João Manuel Gonçalves Roma, escrivão e tabelião de Monsão no impedimento de Norberto Pereira Alves de Guerra, nomeado escrivão e tabelião da comarca de Valença.

Maximiano Hipolito Rodrigues e Silva, que serviu de escrivão e tabelião da comarca de Valença, no impedimento de João Ferreira de Magalhães e Sousa, nomeado para identico oficio em Monsão no impedimento de João Norberto Pereira Alvares da Guerra.

Novas de Touge

O principe Waldemar.—Os jornaes de Copenhague, segundo participam a uma folha estrangeira, não se mostram nem reconhecidos nem satisfeitos com a eleição do principe Waldemar para o trono da Bulgaria.

Em Paris recebeu-se um telegrama dando conta da resposta dada pelo principe Waldemar ao despacho que lhe dirigiram os regentes bulgaros, noticiando-lhe que a sobranjé o proclamára principe da Bulgaria.

O principe Waldemar, depois de agradecer a honra que lhe dispensou a assembleia nacional bulgara, manifesta que não póde dar uma resposta definitiva sem primeiro conhecer a vontade de seu pai o rei da Dinamarca. Indica, além d'isso, que altos deveres pessoaes não lhe permitirão abandonar a sua atual posição. A resposta do principe considera-se como o presagio de uma negativa definitiva, mesmo porque já corre que ele declarára tambem de uma maneira terminante que não entraria na Bulgaria a não ser que fosse acompanhado de forças estrangeiras.

Mors et vita.—O correspondente do *Standard*, em Roma, noticiou que o papa Leão XIII aceitára a dedicatoria de *Mors et Vita*, e que o oratorio de Gounod será executado este inverno, n'aquela cidade, sob a direção do autor.

Ora a dedicatoria ao Papa está inscrita na partitura publicada ha mais de um ano.

Quanto á execução em Roma, tratou-se d'isso, é certo, mas o maestro renunciou á ideia, em virtude da insuficiencia dos recursos coraes postos á sua disposição.

Coleção preciosa.—No dia 11 em Milão, foi inaugurada n'uma sala especial da celebre biblioteca de Brera, uma coleção de autografos, manuscritos e edições seletas de Alexandre Manzoni, o ilustre poeta lombardo. Uma das peças mais curiosas d'este verdadeiro relicario é o manuscrito primitivo e original dos *Promessi sposi*.

O testamento do conde de Beust.—Depois de minuciosas indagações, encontrou-se finalmente o testamento do conde de Beust, o qual contém apenas disposições relativas á sua fortuna e á sua sepultura.

Essa fortuna é muito mais consideravel do que se pensava, e cada um dos tres filhos do conde herdará o seu milhão de florins.

O conde pede que o enterrem em Vienna, e que no mausoleu muito simples que lhe fizerem no cemiterio se escreva o seguinte epitafio:

Paz as minhas cinzas
Justiça á minha memoria

A condessa de Beust vae residir para Dresde.

Joias da aristocracia.—A senhora da aristocracia francesa que possue mais joias é a duqueza de Moudy, que pertenceram umas aos Noailes, outras a sua avó a rainha de Napoles.

Segue-se a esta a duqueza de Bisacia, filha do principe de Ligne, que possue solitarios de grande valor.

Pertencem á condessa de Courval os mais grossos diamantes brancos, conhecidos até hoje no mundo.

Madame Mauricia Eufrussi, filha do barão de Rotschild, é dona de incomparaveis rubis.

A princeza de Leon ostenta algumas vezes um magnifico colar de perolas, que herdou da duqueza de Dondeauvile.

O rei do colera.—Apareceu em Milão, onde o colera está fazendo algumas vitimas nas tropas da guarnição, um trabalhador de Veneza chamado Luiz Graziottini pedindo que o encerrem no lazareto militar porque deseja curar os doentes. Diz-se possuidor de um remedio especial contra o colera, de cuja eficacia tem repetidas provas, e apresenta documentos que atestam haver tratado durante a ultima epidemia 119 colericos em Brendola, sem que morresse nenhum d'eles. A respeito do remedio, diz que o faz com uma érva que casualmente encontrou perto do Cairo, e que a esse remedio junta um tratamento que consiste em sujeitar o enfermo a um banho de 40 graus, dando-lhe a tomar tres colheres de chá da Holanda.

Os jornaes de Milão chamam-lhe o Rei do Cólera, e apontam a extraordinaria circumstancia de se ter apresentado n'aquela cidade antes do cólera ali se manifestar, como se houvesse adivinhado o aparecimento da epidemia.

E' um rapaz baixo, moreno, de aspéto simpatico, e acrescenta a *Italia* que, dados os milagres que o empyrismo tem feito, não seria para admirar que o licôr de Graziotini tivesse naturalmente a eficacia que ele lhe atribue.

Torre Victoria.—Para perpetuar a a celebração do anniversario da rainha Victoria, que a Inglaterra commemorará no proximo anno, trata-se de construir em Londres, nos arredores da Galeria Nacional, em um terreno pertencente a lord Salisbury, uma torre alta que terá o nome de Torre Victoria.

Esta torre terá a altura de 420 pés e uma circumforencia de 60 pés.

As despezas da construção estão calculadas em 30:000 libras sterlinas.

Emigração alemã.—Os alemães que emigraram no mez de setembro, embarcando nos portos alemães e no de Antuerpia, foram em numero de 8:664. O numero dos emigrantes registrado nos mesmos portos durante o mez de agosto fôra de 6:474.

O total dos emigrantes durante os nove primeiros mezes d'este ano foi de 59:576. Durante o mesmo periodo do ano anterior, o total tinha sido de 88:180.

O reino de Saxe.—Um jornal alemão publicou ultimamente o resultado do recenseamento oficial da população do reino de Saxe, feito em dezembro de 1885. Por este recenseamento, o reino de Saxe comprendia n'aquela data 3.182:003 habitantes. A capital, Dresde, tinha habitantes 246:086. Leipzig, a cidade mais importante depois da capital, tinha habitantes 170:340.

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DOS CAMINHOS DE FERRO EM PORTUGAL

A 6 de maio de 1852 foi assignado por sua magestade a senhora D. Maria II e referendado pelos srs. Francisco de Magalhães, ministro do reino, e Antonio Maria de Fontes Pereira de Melo, ministro da fazenda, um decreto, que determinava o concurso para a construção de um caminho de ferro desde Lisboa até á fronteira de Hespanha, aonde a linha espanhola deveria mais tarde vir ligar-se com ela. Esta linha dividir-se-ia em tres secções, sendo a primeira até Santarem.

Entre as condições havia as seguintes:

A licitação devia ser feita sobre o *minimum* do preço indicado pelo governo.

Dez anos depois de posto em exploração o caminho, podia o governo apropriar-se d'ele pagando o dinheiro despendido e em *bonus* de 10 por cento, deduzido o que já estivesse amortizado, e se o governo não se apropriasse d'ele, podia a companhia continuar a exploração por mais dez anos sem direito a qualquer repetição de interesses.

Findo este praso passaria o caminho com todo o seu material e edificios a ser propriedade da nação.

Appareceram diversas proposições tão *inocentes* que nem resposta mereciam.

Em 25 de junho o sr. B. de Oliveira, em nome de Mr. Lock, Petto e outros, em logar de satisfazer ás condições exigidas para ser admittido ao concurso, apresentou modificaçõs aos artigos do programa de 6 de maio!

Terminado o praso para o concurso, foram abertas tres propostas que haviam sido apresentadas no ministerio do reino, e como só uma d'élas estava no caso de ser admitida, foi feita a concessão provisorio a mr. Hardy Hislop, como representante da *companhia peninsular dos caminhos de ferro de Portugal*, a qual deu logo começo aos seus trabalhos, encarregando dos estudos ao engenheiro T. Rumball.

Não sendo aprovados os estudos d'este engenheiro em consequencia do parecer dos srs. Abreu e Sousa, e Lobo d'Avila, engenheiro do governo, encarregou a companhia novos estudos ao engenheiro Harcourt Witi, que em continente apresentou o resultado.

A 7 de maio de 1853 fazia-se a inauguração solemne dos trabalhos dos caminhos de ferro ao Beato Antonio, e a 13 do mesmo mez apresentava o sr. Fontes ás camaras o projéto de lei, que aprovava o contráto feito com o sr. Hislop como representante da companhia.

A comissão das obras publicas de que faziam parte os srs. José Estevão e Casal Ribeiro, foi favoravel ao projecto de lei, exceptuando apenas as tarifas, que entendeu deverem ser modificadas.

A comissão de fazenda tambem foi foravel ao projéto.

As camaras aprovaram a lei, e sua magestade a senhora D. Maria II sancionou-a a 11 de maio, sendo o decreto já referendado pelo sr. Fontes como ministro da fazenda e interinamente das obras publicas.

Em 5 de setembro de 1853 eram mandadas pôr em vigor as instruções para a fiscalisação technica dos trabalhos, e a 17 de janeiro de 1854 ampliavam-se as mesmas instruções, ordenando-se a assistencia permanente de um engenheiro do governo aos trabalhos de construção. Estava portanto pronto para germinar o sistema de construção de caminhos de ferro, e porissso seguiu-se logo uma proposta feita pelos srs. marquez de Ficalho e José Maria Eugenio para a construção de uma linha ferrea desde Aldeia Galega até ás Vendas Novas, proposta que foi reduzida a contrato provisorio e apresentada ás camaras em 24 de julho de 1854, e a 7 de agosto do mesmo ano assignava sua magestade o senhor D. Fernando, regente do reino, e o sr. Fontes referendava a lei que confirmava o mesmo contrato, devendo proceder-se a concurso e licitação ao preço da subvenção.

A 24 de agosto foi proposto e aprovado um adicionamento ao contrato de 24 de junho, em consequencia do que era substituido o ponto de partida de Aldeia Galega pelo do Barreiro, e estabelecido um ramal para Setubal.

Abriu-se o concurso, e a 6 de dezembro de 1854 tomou-se conhecimento das propostas que tinham sido apresentadas: seguiu-se a licitação, e em resultado foi adjudicada ao sr. Costa Ramos por si e como representante dos seus associados.

Estava aberta a carreira, porisso a umas deviam seguir-se outras emprezas, e a 30 de setembro de 1854 apresentava o sr. De Claranges-Lucotte um contrato para a construção de um aterro e caes desde o forte de S. Paulo até Belem, uma *docka* para navios de todas as lotações, *um caminho de ferro de Lisboa a Cintra*, e uma linha telegrafica paralela ao caminho de ferro.

Entre outras cousas declarava a empreza, representada pelo sr. De Claranges-Lucotte, que contratava com conhecimento de causa, e que se responsabilisava pelo cumprimento do contrate, renunciando a qualquer indemnisação futura; e em consequencia d'isso sua magestade o regente assignou, e o sr. Fontes referendou a 26 de julho de 1855 o decreto aprovando o mesmo contrato.

No entretanto marchava mal a direção dos trabalhos do caminho de ferro de Lisboa a Santarem, ácerca dos quaes já em 15 de fevereiro o sr. Gromicho Couceiro, engenheiro fiscal do governo, havia informado no seu relatorio, que em consequencia da inexperiencia dos operarios e da falta de alguns materiaes que ainda não haviam chegado do extrangeiro, os trabalhos não progridem como devia ser, e o governo a 6 de setembro de 1855 viu-se forçado a intervir, mandando continuar os trabalhos que estavam suspensos, porque a companhia não pagava aos seus empreiteiros.

Estando as cousas n'este estado, conheceu o sr. Fontes que era necessario um golpe decisivo, e porisso apelou para o *patriotismo nacional*, pedindo alguns milhares de contos para os melhoramentos que projétava.

N'esse tempo havia grandes receios dos encargos e despezas que trazem os caminhos de ferro, perque ainda não estava desenvolvida a propaganda a favor d'eles; e a politica partidaria, explorando estes panicos, promoveu a celebre representação dos 50:000 peticionarios contra os projétos do sr. Fontes.

Cahiu o ministerio, e o sr. Carlos Bento da Silva foi ocupar a pasta das obras publicas.

Mr. Watier, comissionado pelo *credito movel de França* para fazer os estudos dos caminhos de ferro de Portugal, apresentou o seu traçado ao governo, que o adoptou e em consequencia d'isso entregou-lhe a 7 de fevereiro de 1856 a direção dos trabalhos até Santarem, direção que ele conservou, sob as ordens do governo, até 28 de junho do mesmo ano, epoca em que o governo deixou de intervir na construção, entregando-a á companhia.

A 13 de agosto de 1856 foi prorogado o praso para a conclusão do caminho a Santarem até fins de setembro de 1857, e adiantadas importantes somas á companhia para a coadjuvar em seus trabalhos: apesar de tudo isso, os trabalhos marchavam mal, e o serviço estava tão irregular, que, tendo sua magestade o sr. D. Pedro V percorrido a linha a 24 de agosto, viu-se forçado, quando regressava, a esperar por muitas horas em Alverca antes de chegar á capital.

Finalmente a 28 de outubro de 1856 era inaugurada solemnemente a abertura da exploração até ao Carregado.

No entretanto marchavam os trabalhos na linha do sul, e a 11 de março de 1857 eram aprovados os estudos da ultima secção até ás Vendas Novas.

Não sucedia porém o mesmo na linha de leste, porque a 31 do mesmo mez (março) informava o sr. Margiochi, fiscal do governo, no seu relatorio, que a companhia não poderia concluir os seus trabalhos no praso fixado, porque á vista da pouca atividade por ela desenvolvida, era impossivel vencer os obstaculos que lhe sobrevinham de todos os lados.

O sr. Carlos Bento da Silva, a cargo de quem então estava a pasta das obras publicas, apresentou ás camaras, em 14 de abril de 1857, um projéto de lei para a aprovação de um contrato com Sir *Morton Petto*, para a construção de um caminho de ferro de Lisboa ao Porto, e pediu autorisação para a rescisão do contrato com a companhia central peninsular, para indemnisar os acionistas da companhia, e para regular as contas d'esta com os empreiteiros Shaw & Baring.

Tudo lhe foi concedido a 4 de junho, e a rescisão do contrato foi decretada a 9 de julho, encarregando-se ao sr. João Chrisostomo de Abreu a direção geral da linha até Santarem.

A 31 de agosto inaugurava-se o caminho desde o Carregado até ás *Virtudes*, tendo sido dois dias antes assignado o contrato com Sir *Maton Petto*.

Os trabalhos do caminho do sul marchavam regularmente, mas outro tanto não sucedia com o de Cintra, porque o sr. Belchior José Garcez, no seu relatorio ao governo, dizia que o concessionario não tinha desenvolvido os trabalhos por fórma que podesse concluil-os no prazo marcado.

Esta morosidade chegou a ponto de o governo se ver forçado a mandar fazer por sua conta o aterro desde a Ribeira Nova até Santos, encarregando a direção d'estes trabalhos ao sr. José Vitorino Damazio.

O desalento ia-se apoderando de todos, e a unica cousa que ainda mantinha esperanças era a confiança que havia em Sir Morton Petto, esperado por muitos com tanta confiança como os judeus esperavam o *Messias*.

Mas Sir Morton Petto, em logar de vir, mandava propostas de modificação ao contrato, sendo uma d'elas o suspender a construção nos pontos mais difíceis!

A desconfiança generalisou-se então espantosamente, os animos exaltaram-se, a imprensa pronunciou-se, e a oposição nas camaras tomou grandes proporções.

As questões tanto nas camaras como na imprensa periodica foram acaloradas; mas, apesar das muitas exagerações que se apresentavam de uma e de outra parte, transparecia por entre todas elas o desejo de ver realisada a construção da via ferrea,

Portanto, com Sir Morton Petto não póde organisar companhia, como sem tal organisação o sr. Carlos Bento não podia fazer construir as linhas ferreas, e como sem esta construção não podia existir o ministerio teve este de largar o poder.

Tomou então a pasta das obras publicas o sr. Antonio de Serpa Pimentel, que, incitado pelo seu genio e pela lei natural, de que não podia ser ministro d'aquela repartição quem não fizesse construir vias ferreas, aplicou toda a sua atenção para a realisação de uma tal necessidade.

A 13 de abril de 1859 foi fixado a Sir Morton Petto, até 31 de maio, o praso concedido para começar os trabalhos, e não tendo ele cumprido, rescindiu-se-lhe o seu contrato a 6 de junho.

A 8 d'este mez foi o governo autorisado a contratar um novo caminho de ferro das Vendas Novas até Evora e Beja.

A junta geral do distrito de Beja e o sr. visconde da *Esperança* deram n'esta ocasião uma grande prova de patriotismo e do interesse que tomavam pelos melhoramentos materiaes do seu paiz, porque espontaneamente ofereceram: a junta reis 3:000$000 para ajuda de custo por kilometros, e os seus bons oficios para a cedencia gratuita dos terrenos a expropriar; o sr. visconde prontificou-se logo a esta cedencia nas importantes propriedades que a linha lhe havia de atravessar.

Portugal estava de *facto* sujeito á inglaterra, porque ninguem suppunha que se podessem tentar emprezas, e leval-as a cabo, não sendo verificadas por inglezes.

O sr. Serpa provou que nos podiamos emancipar d'essa tutela: a fama apregoava as audaciosas emprezas tentadas pelo sr. D. José de Salamanca; as construções de linhas ferreas, que ele tomava a seu carge eram tão numerosas e importantes, que o cognominavam *o rei dos caminhos de ferro;* foi portanto com aquele arrojado capitalista que o sr. Serpa contratou, provisoriamente, a conclusão da linha de Badajoz, e a construção de uma outra para o Porto; e a 30 de julho de 1859 abriu-se licitação por quarenta dias ás mesmas construções.

A 8 de agosto do mesmo ano era tambem aberta licitação para a construção do caminho de ferro das Vendas Novas a Evora e Beja.

Não aparencendo concorrente com o sr. D. José de Salamanca, foi lhe adjudicado o caminho de ferro das duas linhas (Norte e Leste) a 12 de setembro, e o contrato provisorio assignado a 14, sendo-lhe concedida subvenção de 4:500 libras por kilometro na linha de Leste, e 5:400 na linha do Norte, e a exploração por 99 anos; podendo porém o governo remil a dentro em 15, pagando a remissão conforme certas bases.

Entre as diversas condições do contrato, avultava a de que o governo não poderia conceder outras linhas paralelas áquelas n'uma distancia inferior a 40 kilometros.

Mr. Claranges Lucotte, infatigavel em procurar os meios de realisar os seus projétos, tinha conseguido formar em Bruxelas uma *sociedade anonima dos caminhos de ferro e dockas de Lisboa*, e o governo a 23 de novembro de 1859 aprovou por um decreto a mesma companhia e seus estatutos.

A a 3 de janeiro de 1860 era assignado o contrato para a construção do caminho de ferro das Vendas Novas a Evora e Beja, por sir John Sutherland Valentine, como representante de Mrs. Charles Eduard Nangles, e outros.

Vem a pelo recordar o patriotico offerecimento da junta geral do distrito de Beja, e do sr. visconde da Esperança, visto termos a declarar que a junta geral do distrito de Evora seguiu tão nobre vereda, promtificando-se a contribuir com a quantia de 1:200$000 por kilometro.

A 22 de de dezembro de 1859 estavam aprovados os estatutos da *companhia real dos caminhos de ferro portuguezes*, e a 5 do maio de 1860 era sancionado com algumas modificações o contrato celebrado com o sr. D. José de Salamanca em 14 de setembro de 1859.

Entre essas modificações figuravam as que marcavam o praso de dois annos e meio em logar de tres para a conclusão da linha de Badajoz, e a 3 annos em logar de cinco para a do Porto: a ponte sobre o Douro deveria estar concluida um ano depois da linha.

Em 4 de julho de 1857, 5 de março de 1858 e 22 de junho de 1859, haviam os governos sido autorisados a crear *inscrições* de 3 por cento sobre junta do credito publico para satisfazer as despezas com a construção das linhas ferreas, e agora novamente foi o governo autorisado a crear outras.

A 29 de maio de 1860 foi decretado o contrato assinado por sir John Valentine para a construção do caminho das Vendas Novas a Evora e Beja, podendo o governo contratar a subvenção de 16:000$ reis por kilometro, ou garantir o juro de 7 por cento na proporção de 24:000$000 reis por kilometro.

A exploração pertencerá á companhia por 99 annos, podendo comtudo o governo remir dentro em quinze ou trinta, sujeito em qualquer das epocas a condições diversas.

O caminho devia ser concluido dentro em 3 annos. Entretanto progrediam os trabalhos das linhas de Norte e Leste com um desenvolvimento espantoso.

O sr. D. José de Salamanca havia encarregado ao sr. D. Euzebio Page a direção geral d'estas obras, concedendo-lhe *carta branca* para executar bem e depressa.

A atividade do sr. Page estava provada, porque, tendo em Hespanha caido uma ponte que havia sobre o *Jarama*, e sendo ele encarregado de colocar, provisoriamente, outra em seu logar, em 40 dias tinha feito construir uma ponte de madeira com 15 vãos, na distancia de 120 metros por 7 de alto, o que deu logar a dizer-se, na descrição que temos á vista, *que é talvez a obra de tal natureza que em menos tempo se tenha construido no mundo.*

Os trabalhos no caminho do sul tambem progrediam, e no 1.º de fevereiro de 1861 eram inauguradas a abertura da linha ás Vendas Novas, e do ramal a Setubal.

O caminho de ferro de Cintra é que estava estacionario; e o governo viu-se forçado, em 27 de março de 1861, a anular o contrato de 26 de julho de 1855, e a retirar a aprovação aos estatutos da *sociedade anonima*.

Já, porém, a este tempo, não era o sr. Serpa ministro das obras publicas, porque com os seus colegas havia pedido a demissão de seus cargos, e fôra substituido pelo sr. Tiago Horta.

A linha do caminho de ferro do sul estava concluida, e, não se resolvendo o governo a fazer a sua acquisição, contratou a companhia constructora vendel-a ao sr. D. José de Salamanca.

A verificação do contrato com o sr. Salamanca fez crer cubiça ao governo, que interveio logo a impugnar a venda, e o comprador desistiu immediatamente do seu direito, sem exigir perdas, damnos, ou indemnisações.

Passou portanto aquela linha a ser propriedade nacional, e foi encarregado da sua direção o sr. Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas, um dos mais honrados e distintos engenheiros que temos.

A atividade nas duas linhas do norte e leste continuava com o mesmo, senão com crescente desenvolvimento, mais de 40:000 operarios com o respétivo pessoal technico eram empregados n'elas, e comtudo principiava a empreza construtora das linhas do norte e leste a ver-se em embaraços; por um lado, a grande extensão de linhas, e o rapido desenvolvimento que pretendia dar aos trabalhos, obrigava-a a empregar individuos que não correspondiam á confiança n'elles depositada: por outro as exigencias do *campanario* obrigava-a a condescendencias e atos prejudiciaes, tanto para os seus interesses, como para os do paiz (n'este caso estão os curvas que se fizeram dar á linha do norte para a levar a Aveiro, e aproximar da Figueira), e finalmente as expropriações, em cuja especialidade o sr. D. José de Salamanca foi *escandalosamente* . . . . . .

. . . . . .

Outra empreza teria sossobrado, mas á força de paciencia e de dinheiro foram vencidos todos os obstaculos, e o ano de 1862 não findou sem terem sido abertas duas seções á exploração, uma na linha do leste e outra na do norte.

A 22 de fevereiro aprovava o governo a seção do caminho de ferro das Vendas Novas a Evora e Beja pelos concessionarios a uma companhia novamente organisada, e teve a prevenção de estipular que a nova companhia não poderia transferir seus direitos e obrigações sem autorisação do governo.

Aparecam novamente em cena as docas e o caminho de ferro de Cintra, contratados com mr. Debrousse em maio de 1863, obrigando-se o emprezario a concluir o caminho em 20 mezes, aprovados que fossem os planos.

. . . . . .

A 1 de setembro de 1863 era inaugurada solenemente a exploração da linha ferrea das Vendas Novas a Evora.

Egual inauguração se fizera na linha de leste desde Abrantes ao Crato, e d'aqui a Elvas fôra aberto ao transito publico em agosto seguinte.

Em setembro festejavam os hespanhoes alegremente a chegada da locomo-

Folhetim

O ORACULO

A' EX.ma SR.a

D. ANGELINA VIEIRA PINTO

N'aquele dia, em casa das senhoras Almeidas ia um desusado borborinho, uma azafama inconcebivel, que quebrava a monotonia triste que ordinariamente imperava n'aquela grande caza solarenga. Era dia de todos os Santos, e projétava-se em caza festejar os habitantes da corte celestial por meio de um grande magusto.

A D. Carolina, abrindo d'esta vez excepção á regra geral, tinha convidado para a função as pessoas mais gradas da vila,—o juiz de direito, o delegado do procurador regio, o escrivão da fazenda, o administrador do concelho, o comendador Figueiredo, e as familias de ralações mais intimas.

Fóra, no quintal, duas creadas armadas de forcados, faziam provisão de silvas secas para combustivel, emquanto a D. Candida e a D. Mathilde, filhas da D. Carolina, de cocoras diante de um taboleiro, golpeavam castanhas á navalha.

A D. Carolina, toda atarefada, punha em ordem sobre uma meza os compridos pelotões de copos de geleia, vistosamente enfileirados ao lado dos potes de marmelada de calda; no meio da meza, ainda com as rolhas lacradas, meia duzia de garrafas de vinho *fino* ostentavam, soberbas, em *poses* de Cezares victoriosos, os licores preciosos que tinham scintilações de ambar a luz fraca do sol já no ocaso; por entre rumas de pires engulados de colheres de prata, havia pratos de marmelada seca, com doces de feitios extravagantes,—corações rendilhados a capricho, peixes escamosos de longas caudas, estrelas de cinco raios, ramos de flores de desenhos complicados; á direita, n'uma larga bandeja, viam-se montes de bolacha com inscrições ternas, sentimentaes: *que lindo pé! amo-a muito...*

A D. Carolina ralhava com as filhas por não terem ainda findado com a tarefa, chamava-lhes *pósmas*, e de mãos fincadas nas ancas, com aspéto de virago irratado:

— Vejam isto, isto! Não tardam a chegar os convidados, e elas ainda com o trabalho por fazer!

As meninas riam, e cochichavam baixinho, ouvindo o sermão materno.

Mas, na porta da rua soaram leves pancadas, e uma voz grossa dizia, cerimoniosamente:

— Dão licença, minhas senhoras?

A D. Carolina correu logo para a porta, ridente, solícita, toda obsequiadora:

— Pois não, ora essa, sr. escrivão, faça favor de entrar.

Era o escrivão da fazenda, o sr. Eusebio da Cunha, que vinha entrando n'aquele momento, afagando com a mão ossuda a larga suissa côr d'aurora, muito grave na sua sobrecasaca preta de abas compridas, um tanto abaciaes. A traz d'ele, as duas filhas, a D. Ritinha e a D. Constancinha, umas meninas limfáticas, anemicas, com grandes olheiras orladas de bistre, as faces cobertas de espessa camada de pós d'arroz, como pasteis de nata polvilhados d'assucar, exhibiam as suas volumosas *tournures*, coroadas de folhinhos de cores garridas, como caudas eriçadas de perús ajoujados de cio.

Logo que penetraram na sala, o escrivão, ao ver as meninas da casa todas atarefadas a cortar castanhas, exclamou, muito prazenteiro:

— Olhem como aquelas trabalham! Bravo!

Mas a mãe acudiu logo muito quesilada a acusar as filhas:

— Não diga isso, sr. escrivão: são mesmo umas desmazeladas! Estão com aquilo ha mais de tres horas.

O sr. Eusebio, concordando, mostrava-se comtudo indulgente:

— Mocidade! Verduras! disse ele pondo-se muito sério. Nós como eramos tambem quando tinhamos aquela idade? A mesma coisa.—E ajuntou, soltando um suspiro profundo, endereçado a uma reminiscencia grata e longinqua:—Bons tempos, bons tempos aqueles!

A D. Carolina, no entanto, ao passo que ia chegando cadeiras, lastimava-se toda de não ter um homem que fizesse as honras da caza. O marido, coitado, morrera havia tres anos com uma indigestão. E contava, com grandes suspiros, o tragico sucesso que a enlutára.

Os circumstantes escutavam, compungidos, e, de vez em quando, diziam contristados: Coitado!... coitado!...

Mas os convidados iam chegando a pouco e pouco, *á formiga*.

Primeiro entrára o juiz de direito, o Queiroz, um homemzarrão de longa barba negra, em companhia da esposa; depois o delegado, retorcendo as guias do bigode empastado de *cera mustache*; logo em seguida viera o comendador Figueiredo, muito anchodentro do seu casacão de retina, e, por ultimo as duas familias da Ermida, a D. Ana da Anunciação e a D. Engracia d'Albuquerque.

Faltavam só o Carlos, redátor do *Ecco da Provincia*, o Viriato, colaborador do mesmo jornal, e o escrivão do juizo Couraça.

Como as castanhas já estavam cortadas, propoz a D. Carolina que fossem para o terreiro, que era ahi que se fazia o magusto.

Foi n'esse momento que chegou o Agostinho, escrevente do Couraça, um rapaz alto, magro, esgrouviado de côr um tanto amarelada como pergaminho nobiliario, cara afuinhada, e buço apenas rompente. Vinha esbafurido, suado, com as melenas ao sabor da brisa.

Os circumstantes rodearam-no logo, e a D. Carolina correu a pedir lhe noticias do escrivão. O Agostinho explicou então, resfolegando a custo, que o patrão estava prompto para vir, mas, á ultima hora, começára a doer-lhe a cabeça, receiára o frio.

— Ai! de certo, de certo—interrompeu logo a D. Carolina—Que ele é muito doente.—E contava, muito compungida, o facto extraordinario de o ter encontrado uma tarde, em dezembro, com o guarda chuva aberto para se garantir contra os raios do sol.—Coisa assim! E então um sol que nem força tinha para dereter a geada!...

O juiz de direito, muito sério na sua postura magistral, narrou tambem a circumstancia de um dia, em pleno tribunal se sentir o Couraça subitamente incomodado, e ter sido necessario substituil-o.

— Não que ele é um *pelem*, mesmo um *pelem*, — confirmava a D. Carolina toda desconsolada.

A D. Candida convidou então as visitas a que se pozessem *á vontade*, para irem para o quintal. As senhoras tiraram os chapéus, emquanto os homens despiam os sobretudos.

Depois, enfileirados e dois, sahiram todos para o [illegible] encontraram o jornalista Carlos, um rapaz alto, reforçado, de longa barba castanha, e o Viriato, alto tambem, delgado, de fino bigode louro e aspéto melancolico.

Estavam ambos armados de forcados e tratavam de amontoar silvas sobre as castanhas espalhadas no sólo.

As senhoras foram logo ter com eles, fazendo roda em volta do magusto; a D. Carolina quiz saber do Carlos se a maquina da imprensa ainda estava ocupada, porque queria mandar imprimir uns bilhetes de visita. O Carlos respondeu, meio sério, meio alegre, que a maquina tinha dado á luz n'esse mesmo dia o jornal, e portanto estava pronta a conceber tambem o bilhete de s. ex.ª

O dito foi muito festejado: as meninas riram, apaudindo, e o proprio comendador, muito interessado em rasgar com a unha uma [illegible] que lobrigára no casacão, disse, a sorrir:

— Este Carlos! este Carlos! Ha-de ser sempre assim, um mangador!

Mas o escrivão da fazenda, que se tinha sentado n'uma pedra, com as abas da sobrecasaca puchadas para diante e entaladas entre os joelhos, levantou-se, com um dedo na bôca, impondo silencio: tinha ouvido bater á porta, talvez alguem desejasse entrar.

Correram logo a abrir: era a D. Adelaide, a filha do dr. Xavier, uma menina galante, com cutis de alabastro e longos cabelos negros, luzidios.

A D. Carolina olhava para ela tomada de estupefação.

— Ora esta! — Ela mandára-a convidar na vespera para a festa, e soubera que estava ausente. Como era aquilo?

A D. Adelaide explicou, muito risonha, que chegára n'esse instante, e, mal tivera conhecimento do convite, viera logo. «Que ela não faltava a função nenhuma.» O pae lá ficára em casa, moido, estropiado.—Imaginem que andamos hoje oito leguas a cavalo! Que massada!

Porém o Carlos, que de forcado em punho revolvia a lenha da fogueira, olhou maliciosamente para o Viriato, que estava vermelho como um pimentão.

Depois d'isto os convidados voltaram a rodeiar o magusto, sentados em cadeiras de palhinha, com as mãos chegadas ao calor do fogo. Começára a função.

As silvas secas ardiam em grandes labaredas, arrojando para o ceu o seu negro penacho de fumo; castanhas estoiravam, com ruidos secos, arremessando estilhaços calcinados para entre os vestidos das senhoras, que fugiam dando gritinhos, como gatos pizados na cauda; no extremo da fogueira, o Agostinho, escrevente, conversava a meia voz com a D. Matilde, a mão direita colada sobre o coração, n'uma attitude idealmente romantica. Falava-se baixinho, entre as senhoras, d'aquele namoro que já durava ha tres mezes. Ele chegara até a fazer-lhe uns versos que foram publicados na *Voz do Concelho*, umas quadras in e minaveis, ora firmes como rochas, ora um tanto claudicantes, repletas de sentimentalismo ultra-piégas:

Hontem á noite, senhora,
Quando passava na rua,
Vi-lhe a fronte seductora
A' luz argentea da lua.

E seguiam assim, por ahi abaixo, n'uma melopéa triste, arrastada, monotona, com pronunciados trus de *quinhentismo* réles, crassamente pelintra. A D. Matilde gostára d'eles e até os decorara; mas o Viriato, na *cronica da semana* do *Eco da Provincia*, troçára-os muito, e chamára ironicamente ao autor Victor Hugo de pé fresco, e Lamartine de manga d'alpaca. Comtudo dizia-se que o escrevente tinha muita habilidade para a recitação, e afirmava-se até que, quando fôra menino, ajudára a cantar á missa muitas vezes.

O jornalista Carlos, que com um tição tirára uma castanha do brazeiro e a revolvia nas mãos soprando-a com furia, disse para os circunstantes:

— Querem saber uma noticia de sensação?

— Diga lá, pediram varias vezes.

— Pois ouçam. O Viriato, que vv. ex.as ali veem sentado, vae-se casar.

— Ora, ora! protestaram do lado. Isso é impossivel.

— Impossivel, porquê? replicou o Carlos descascando a castanha. Pois é impossivel que um rapaz novo e solteiro se resolva a tomar estado? Olhou de escouço para o Viriato, que sorria calado embrulhando um cigaro, e acrescentou: Se ele até está apaixonado!...

— Apaixonado, é possivel, disse a D. Engracia d'Albuquerque, que sabia dos amores do Viriato com a D. Adelaide; mas, da paixão ao matrimonio vae ainda um bom pedaço.

Porém, a D. Adelaide, que se fizera muito palida, olhava fixamente para o pretendido noivo.

— Que ha de verdade n'aquilo, sr. Viriato? perguntou ela com voz alterada.

— Nada, minha senhora; é tudo para brincadeira do Carlos.

O jornalista levantou-se, protestando; citava o facto de o Viriato lhe ter perguntado ainda n'esse dia, quanto poderia custar *a vida* n'uma familia de cinco pessoas: homem, mulher, dois filhos e creada.

A D. Ritinha da Cunha, filha do escrivão de fazenda, disse tambem, muito desvanecida:

— Eu, por mim, não duvido. Os homens são tão inconstantes!...

Levantou-se logo um protesto entre os rapazes presentes: o Carlos ergueu os braços ao ceu pedindo vingança, e até o escrevente, raspando com a unha comprida e orlada de negro a polpa de uma castanha, disse muito sério:

— Algumas vezes, são os animos e os caprichos das mulheres que dão origem á inconstancia masculina.

Os homens aplaudiram, e o Carlos, apertando o Agostinho ao peito, afirmava-lhe, sob a sua palavra de honra, que nunca na sua vida dissera cousa mais acertada. Unicamente, onde estava: *algumas vezes*, devia dizer: *sempre*.

A D. Matilde, que olhava o escrevente com ar despeitado, replicou muito raivosa:

— Pois eu, se tivesse um amante, importava-me pouco com a inconstancia d'ele.

Os circumstantes esboçaram um sorriso, mas o Carlos replicou: Queria saber o motivo de tal indiferença: ou não amava, ou então tinha o amante muito seguro. A menina não respondeu, mas a D. Carolina, intervindo, explicou que a filha consultára o oraculo no dia de S. João. D'ahi a sua segurança.

Houve larga risota, e o Carlos, de mãos dadas com o Viriato, no meio do terreiro, torciam-se em casquinadas de riso impertinente. Até a D. Ana da Anunciação, até ali tão calada, disse, com a boca cheia:

— Oraculos, historias da carochinha! E explicou então que, quando fôra nova, tambem queimára muitas alcachofras, e, apesar d'isso, ficára solteira. Valha a verdade que nenhuma reverdecera.

tiva a Badajoz, e abraçavam cordealmente os portuguezes que tinham tomado parte n'esta festa.

O ministerio havia até agora prestado, franca e lealmente, o seu apoio á empreza, e o jornalismo de todas as côres politicas, com excéção de um ou outro, seguia tão louvavel exemplo.

De repente, porém, principiou o governo a mostrar que havia desinteligencia entre ele e a empreza, e ao findar o ...o de 1863 desenvolvia o maximo rigor ...ra ela.

O sr. D. José de Salamanca havia encarregado a direcção da empreza ao sr. D. Angel Arribas Ugarte em substituição do sr. Page, a quem concedera seis mezes de licença para ir a Hespanha.

O novo diretor teve instrucções do sr. Salamanca para ultimar todas as questões pendentes com o governo, fazendo nas obras quantas modificações e alterações fossem reclamadas.

Não descurou ele um momento de cumprir tal missão, e póde finalmente, ainda que com grandes sacrificios, vencer todas as dificuldades, e convencer o governo de que a empreza andou sempre de boa fé.

No entretanto havia sido inaugurado o resto da linha até Beja em 14 de fevereiro de 1864.

Antes de findar a legislatura de 1863 fôra o sr. João Crisostomo de Abreu, novo ministro das obras publicas, autorisado a contratar a continuação das linhas de Evora, a ligar, no Crato, com a de leste, com a diretriz por Estremoz, e de Beja para o Guadiana, na direcção de Sevilha, com ramal para um porto de mar no Algarve, e bem assim poder vender as linhas do Barreiro a Evora e Beja á companhia com quem contratasse as mesmas construções.

Em 11 de junho de 1864 era assignado o contrato definitivo para a mesma venda e construções com uma companhia ingleza.

Por esta ocasião já a linha do norte estava pronta até Vila Nova de Gaia, e o publico estava ancioso pela sua abertura á circulação.

O sr. D. José de Salamanca veiu então a Portugal, e quando retirou, ordenou que fosse satisfeita a anciedade publica, o que teve logar a 7 de julho do mesmo anno (1864).

A 11 de setembro seguinte eram inaugurados os trabalhos de construção para a continuação das duas linhas de Evora e Beja, sendo a companhia representada n'esse áto pelo sr. Alfredo Couvan, um dos seus diretores, e o sr. James Fforde, engenheiro diretor das obras.

Temos por tanto:

Caminhos de ferro de Lisboa a Badajoz e ao Porto, trabalhos para a construção da ponte sobre o Douro:

Caminhos de ferro para Setubal, Evora e Beja, e os trabalhos encetados para a sua continuação, como já dissemos.

Projétam-se e estão estudados mais quatro, que são:

De Abrantes á fronteira de Hespanha por Castelo Branco, Idenha a Nova e Monfortinho.

De Coimbra a Almeida pelo vale do Mondego.

Do Porto á Barca de Alva pelo vale do Douro.

E da mesma cidade (Porto) á fronteira pelo Minho, seguindo por Valença ou Monção.

Estes caminhos estão estudados, e, concluidos que sejam, fica concluida a nossa rede de caminhos de ferro, com excéção d'um ou outro ramal.

Do caminho de ferro a Cintra, é que não sabemos que dizer, a não ser que em maio de 1863 contratou mr. Debrousse a sua construção, obrigando-se a concluil-a em vinte mezes depois de aprovados os planos, e que vinte mezes são passados, sem que ao menos tenha sido discutido o contrato.

Resumimos os apontamentos para a historia dos caminhos de ferro o quanto nos foi possivel, e quem d'eles quizer mais amplos esclarecimento examine uma curiosa coleção de artigos do sr. Bulhões, publicados na *Gazeta de Portugal*, que nos serviram de grande auxilio n'este nosso pequeno trabalho.

E' tempo de concluir; mas antes de o fazer, julgamos dever declarar que as poucas reticencias que deixamos não devem ser tomadas como ofensa a quem quer que seja, porque nos não propozemos a escrever a *crónica escandalosa dos caminhos do ferro portuguezes:* se um dia o fizermos, ha de ser em separado, e então.....

Passamos a tratar do serviço dos caminhos de ferro, e para isso separal-o-hemos nas duas classes distintas de *grande* e *pequena velocidade*.

JOÃO ANTONIO PERES ABREU.

Arabescos e Miniaturas

AS MULHERES E AS FLORES

Nenhum dos seres humanos exerce no planeta tão poderosa influencia como a que a mulher exerce na sociedade, e por sua vez nenhum dos seres vegetaes goza, nos dominios da natureza, do prestigio das plantas e das flores.

Tanto as mulheres como as flores parecem nascidas e creadas por decretos providenciaes para esmaltar e embelezar a magnificente obra da creação.

Tirae do tranquilo lar a mulher virtuosa e ter-lhe-heis tirado a poesia, o sentimento e a vida.

Despojae o frondoso vergel das plantas e das flores, e vel-o-heis convertido subitamente em tenebroso e solitario páramo.

Assim como ninguem póde nem por um só momento deter a marcha triunfal dos astros no céu, ninguem póde tão pouco cortar as etereas azas ao pensamento e constrangel-o ou obrigal-o a pensar em certas e determinadas coisas.

N'um d'estes rapidos vôos, talvez mais por desvario da mente do que por ardor da fantasia, correu anhelante meu pobre pensamento para regiões estranhas, ignoradas terras, paizes ocultos e sociedades completamente distintas das nossas.

Ainda me recordo. Era uma tarde calmosa de junho.

O sol, marchando para o ocaso, transpunha os montes visinhos, e as nuvens tingiam-se de rubras e brilhantes côres.

No centro do vale havia uma torrente, onde estavam espalhados frondosissimos macissos de juncos que ostentavam o seu verde escuro, e em belo contraste viam-se as matas de adelfas com suas flores escarlates.

De quando em quando a singela canção pastoril atravessava os ares cheios de perfumes, agitando e fazendo estremecer de gozo o coração.

O som monotono dos chocalhos do gado, os pios dos passarinhos, o balar das ovelhas e o murmurar do rio; a brisa suave que embalava levemente as folhas das arvores; o azul diafano do céu que se refletia no cristalino arroio; os aromas dos frutos que excitam o sangue nas veias desde o chilrear enfadonho das cigarras escondidas, até ao harmonioso gorgeio dos rouxinoes, tudo n'aquele paraizo exuberante de vida convidava ao recreio e consolação do espirito.

Mas o pensamento, á similhança de inquieta e espumosa onda de ligeira e transparente nuvem, voava anhelante, como em competencia com a andorinha, que diante de meus olhos cruzava os ares com rapido vôo.

E em vez de se confundir e extasiar contemplando as mil maravilhas da provida natureza, teimava em pensar no que seria o mundo sem as mulheres e sem as flores.

Breves minutos durou esta meditação estranha, mas foram suficientes para me aterrarem o animo e entristecerem o coração.

Parecia ter voltado o planeta ao primeiro cahos e ás escuras trévas do nada, tão triste e solitario estava.

Na rustica choça do singelo pastor não resoava a voz argentina de fiel companheira entoando em cadenciosas notas bucolicas a canção emquanto mugia as vacas; as ondas prateadas do mar azul, ao afastarem-se, não levavam os suspiros amorosissimos que o marinheiro enamorado solta do peito ardente, ao dar intima despedida, o ultimo adeus á mulher predilécta de sua alma; a humilde vivenda do pobre jornaleiro, sem o seu anjo de ventura, sem sua virtuosa mulher, assemilhava-se a um frio sepulcro, onde, para que não houvesse nada poetico, nem sequer havia uma flor balsamica, que com as suas essencias lhe fortalecesse o corpo rendido pelo trabalho e lhe consolasse com seus matizes a alma anhelante de amor; as camaras régias do opulento palacio pareciam desertas, porque não continham no recinto formosas damas, nem fendiam o ar suspiros volutuosos, nem atravessavam a atmosfera olhares relampejantes.

Tudo era tristeza, desolação e espanto n'aquela especie de sociedade orfã.

E sucedia o mesmo com a natureza.

Os pintados passarinhos cantavam em alegre côro, e os seus hinos de amor e as suas melodiosas notas ao espalharem-se pelo espaço infinito, não vibravam com a sonoridade e harmonia com que vibram e resoam no bosque ameno, quando nervosos e inquietos saltam sobre os verdes ramos das arvores frondosas onde a sua companheira, com uma paciencia sem egual, incuba os ovos em artistico ninho; o rio murmurava eternas e monotonas queixas e os seus écos perdiam-se na concavidade do vale ou no cume do monte, sem ter logrado comover no mais minimo a alma do transeunte, cheio de tristeza ao contemplar os ribeiros desertos de viçosas plantas e de aromaticas flores; os sarçaes não teciam caprichosas abobadas nas margens dos mansos arroios, parecidos pelas tortuosidades as verdadeiras serpes de prata, nom nos bosques se entrelaçavam e cingiam madresilvas com os alamos; os peixes não iam depositar os seus ovos nas flutuantes plantas aquaticas, nem voavam as borboletas em torno das flores, para lhes libar o nectar; a atmosfera sem vapores de incenso, o prado sem o verde tapete, o deserto sem oasis, o mar sem algas, e a terra sem vegetaes, aquele triste planeta convertera-se em tenebrosa caverna povoada de seres sem coração e sem entranhas.

Assim como não é possivel um céu sem soes, um sol sem luz, uma luz sem calor, tambem não é possivel uma sociedade sem mulheres, e uma natureza sem flores.

Quão misteriosa é a analogia que guardam entre si na senda da vida e em suas diversas esféras as mulheres e as flores,

Delicadas como tudo que é belo, umas perdem a sua primitiva pureza ao mais leve contacto de mãos profanas, emquanto que as outras, arrancado que seja o renovo que as sustenta, ou desfeita entre os dedos a corola que as envolve, cáem murchas, sem proferir um gemido, sem exhalar uma queixa, junto ao proprio berço, junto ao tronco do seu berço verde ou da sua arvore frondosa.

Umas nascem destinadas a embelezar a vida do homem com o seu terno amor, e as outras nascem destinadas a mostrar-nos a multiplicação progressiva das especies, o sentimento da natureza, a providencia de Deus. E se a mulher é sensivel, a sensitiva é mais sensivel ainda; e se a mulher é modesta, ainda o é mais, se é possivel, a violeta.

Ora flexivel como a palma do deserto, ora com labios de coral, ora exhalando da sua bôca, parecida a um botão entreaberto, doce ambrozia; ora brilhando no seu rosto feiticeiro os matizes da rosa alexandrina; umas vezes prodigalisando-lhe com solicitude ternos cuidados, outras desfolhando-as desapiedadamente; ou tomando-lhe os seus proprios nomes como o de *Rosa* ou *Margarida*, ou guardando-as como triste recordação de amor entre as folhas do seu dicionario; sempre as flores rodeadas de misterio como as almas; mensageiras da nova estação como a calhandra do novo dia, simbolos eternos de paixões ardentes, apreciadas prendas de amor entre os amantes ternos, signaes de ventura e de paz, estrelas da terra, alegria dos olhos, por seus variados e coloridos matizes, pelo mel de seus calices e pelo incenso de suas corolas, por seus amores inarraveis, por sua gentileza indiscritivel, pela beleza de suas fórmas e pela brevidade de sua vida, confundiram-se e quasi se identificaram com as mulheres, de quem são irmãs carinhosas e companheiras inseparaveis.

Juntas as vemos nos cemiterios sobre as lousas frias de lutuosos sepulcros: as mulheres banhando-os com lagrimas, as flores embalsamando-os com suas essencias embriagadoras; juntas vão aos pés dos altares, umas proferir o anhelado e amoroso sim liturgico, e as outras simbolisar com suas grinaldas de flor de laranjeira, a virgindade da recente desposada.

E, se com frequencia a mulher nos incita ás emprezas mais dificeis e arriscadas, as flores premeiam sempre com as suas corôas os grandes triunfos da vida.

A' similhança, pois, da nossa sacratissima religião exaltamos a mulher, chamando-lhe rosa mistica, sol do céu, estrela matutina, delicia, alegria, satisfação, amor, felicidade; e á similhança dos povos antigos, corremos pressurosos ao templo de Flora, para entoar hinos de regozijo e de amor em elogio das fleres.

GINES ALBEROLA.

CARTA

do alferes reformado Manuel da Guitarra ao cabo de esquadra de veteranos José dos Papagaios.

Valdoejo 14 de novembro de 1886.

Meu caro José:—Recebi a tua carta de 7 do corrente, e muito estimei saber que ainda vives, quando eu julgava que terias já dado alma a Deus, e que estarias fazendo companhia a tantos dos nossos camaradas, que d'Asseiceira e Souto Redondo voaram á mansão celeste. Bem estimo, que ao receberes estas duas mal alinhavadas regras estejas no gozo de uma perfeita saude, meu José. Eu estou velho, e tu tambem ja não és criança, vamos lá; mas velho, cançado e estropeado, alvejando-me os poucos cabelos, que ainda me restam na cabeça, e as suiças, ainda me sinto rejuvenescer quando me lembro d'esses belos tempos, que já não voltam. Ainda de quando em quando, em sonhos mesmo, me parece estar a ouvir o sibilar das balas no campo da honra, ouvir o ribombar das artilherias varrendo colunas do inimigo, ouvir o estridor dos estribos da cavalaria, o tropel dos cavalos nas cargas; e ver o relampejar das espadas dos nossos dragões, rompendo os quadrados, não havendo pai por filho, nem filho por pai, porque só havia uma unica aspiração: a gloria de ficar senhor do campo, tendo levado os inimigos de vencida. Que tempos José, que tempos!... Ai!...

Mas... dirás tu: de que serviu tudo isso? E tens razão, se o disseres, porque a verdade é que os pequenos que morreram, morreram, e d'eles nunca mais ninguem se lembrou, em quanto que as glorias, as honras e as recompensas foram para os grandes que ficaram, e se alapardavam atraz das fragas, escondiam nos vales e se acobertavam com as paredes (o que nós não poucas vezes viamos), nunca se expondo como nós outros, que julgavamos haver seriedade onde tudo era chacota; haver realidade onde tudo era quimera. E' mundo e nós já assim o encontrámos e assim o deixaremos. Mas deixemos coisas tristes e vamos ao conteúdo da tua carta.

Principias por pedir-me desculpa do teu atrevimento em escrever-me. Essa é boa!... Eu não te admito um tal modo de expressar-te. Tu bem sabes, que eu nunca fui de imposturas; que sempre fui amigo sincero dos meus amigos, suposto que não poucas vezes me enganasse no juizo que fazia de muitos, considerando-os amigos, quando na verdade o não eram; porque amigo não é quem nos atraiçoa. Isto, porém, não se tem dado só comigo, nem é de hoje: muitos outros teem sido vitimas da sua boa fé, e vem já de muito longe. Já meu avó me dizia: «Acautela-te, meu rapaz. Olha que o nome d'amigo é vulgarissimo, porém os amigos são poucos e raros.» E com efeito assim é. Bem dizia Pascal, aquele nosso amigo Pascal, que tu *conheceste tão bem como eu:* aquele, com quem ás vezes jogavamos a pedida, fizemos as nossas pandegas e festejavamos o dia de S. Martinho... Dizia ele, como deves estar lembrado: «Poucas seriam as amizades, se a gente soubesse o que os amigos dizem de nós na ausencia.»

Tinha razão o diabo do homem! Aquilo era um sabio, não era um homem vulgar, era um genio. Salomão não teria, decerto, que fazer com ele. Coitado, tambem lhe foi adversa a sorte, e contra ela não ha que lutar. Nunca passou d'auspeçada; e (ao menos sabia ler e não dizia *samos*), poderia ter sido um general de nome, quando muitos outros com menos saber e merecimentos do que ele... sim, creio que me entendes. Morreu, a terra lhe seja leve. Reatemos o fio á conversa. A diferença das nossas posições, tu cabo de esquadra de veteranos, e eu *alferes reformado*, em nada altera as nossas boas relações, a verdadeira e sincera amizade, que ha tantos tempos nos liga; ha tantos tempos, sim, porque vem dos tempos em que se feriram renhidos combates, que hoje não ha, e de que apenas reza a historia. Que tempos de saudosa recordação!

A soberba, a impostura e a empafia nunca se casaram comigo; tu bem o sabes, porque não poucas vezes ambos nós contemplavamos os empafias e nos riamos dos impostores, que muito bem conheciamos taes quaes eram; talvez melhor do que eles se conheciam a si proprios, que se julgavam uns Napoleões, uns... coitados, que só na impostura, na embofia e na soberba faziam consistir a sua *respeitabilidade!*... Emfim, gozavam a seu modo, e feliz é aquele que feliz se julga, embora não o sendo.

Ora nós bem sabemos que a vida militar precisa de certa impostura, pois que sem ela... mas tudo tem um termo, e o que vai além d'ele fede e cheira mal.

Quanto mais elevada é a posição do homem, tanto maior é o seu dever de ser cortez, lhano e afavel. Porque o seja, não se degrada d'essa posição; pelo contrario, mais se eleva, mais digno de respeito e consideração se torna, e mais considerado é. Eu poderia apresentar-te d'isto muitos e muitos exemplares; homens, que, colocados nas mais elevadas posições sociaes, não deixavam, por isso, de considerar os que lhes eram muito inferiores, já pelo nascimento, já pela condição, e estes respeitavam-os e consideravam-os como taes; mas a par d'eles poderia tambem apresentar-te outros muitos uns pulhas; miseraveis ninguens imundos; soberbos e arrogantes, que tudo e a todos olhavam de revés, pensando não serem conhecidos, quando, aliás, o eram, como cão ruivo, ecoando por terra e mar a fama de *seus brilhantes feitos*. Deixemol-os. *Parce sepultis*, diz cá o vigario da freguezia, que é façanhudo miguelista.

Vi com prazer o que na tua me dizes a respeito de lanceiros n.º 2, a partir das praças de pret ao seu bondoso coronel, que já me constava ser um cavalheiro muito digno. Faço votos porque n'aquele regimento continue a boa ordem e a disciplina que tem tido e decerto continuará, quando o comandante e os oficiaes superiores teem bom senso, e estão identificados com todos os demais oficiaes, que bom senso teem, e demonstram ser todos por um e um por todos. Sendo assim, pouco importará que mão oculta, estranha ao regimento, tente ali um chinfrim, que desgoste e desacredite. Será tempo perdido. No entanto o que seria grande coisa, era apanhar o rato na ratoeira. Pode ser, Deus o queira, porque então se saberá o que ainda é segredo.

Adeus, meu José. Tem saude como te deseja o teu amigo e camarada

Manuel da Guitarra,

alferes reformado e governador do castello.

A D. Constancinha quiz saber se o oraculo fôra o da alcachofra ou o das favas, porque conhecia dois, e a D. Candida tratou logo de elucidar a questão. Não fora nenhum d'esses mas outro, o da agua: alguns papelotes quadrados, com um nome escrito, enrolados e deitados na agua.

Porém a D. Carolina interveio, cortando a discussão.

— *Estão as castanhas assadas, toca a desbulhar.*

Colocou-se um açafate de vergas no centro, e os circumstantes, todos de côcoras, começaram a tarefa com afan. As castanhas que *saiam bem* eram lançadas no açafate, as que se partiam comiam-se logo. Depois, o cestinho correu de mão em mão, para todos se servirem.

Foi n'essa ocasião que a D. Adelaide, com um tição fez um ferrete no nariz do Viriato, que, com outro tição, correu atraz d'ela; o Carlos, armado tambem de um carvão, correu para a D. Mathilde, e desenhava-lhe uns bigodes, jogando ao mesmo tempo valentes pontapés ao escrevente que queria opôr-se, emquanto a D. Candida, com as mãos negras das castanhas, enlambusava a cara do jornalista.

Havia corridas doidas pelo terreiro, fugas precipitadas, saltos imprevistos; ferretavam-se caras na carreira; e, em baixo, no quintal, ouvia-se a voz suplicante da D. Adelaide, dizendo:

— Não me ferrete mais, sr. Viriato; olhe que já estou negra como um tição.

As meninas riam descompassadamente, com as mãos fincadas nas ilhargas; a um canto, os velhos sorriam indulgentemente, comendo castanhas.

Apontava-se a dedo a cara de Carlos, negra como carvão, com os dentes a reluzir entre aquela negrura de hotentote; mostravam-se os rostos das meninas Almeidas, ambas adornadas de bigodes; as suissas da D. Adelaide fizeram furor, e o Viriato com o nariz muito enfarruscado, provocou larga troça; mas, quem mais excitou a hilaridade foi o escrevente que, a par da sua pera, ostentava no meio da testa, muito saliente, um grande T, que o Carlos lhe desenhára em ótimo cursivo. A D. Candida, ainda a rir, afirmava que aquilo fôra o melhor da festa, e que nunca na sua vida rira tanto.

Só as filhas do escrivão, encolhidas a um canto, não tinham tomado parte. O Agostinho ainda quizera lá ir com um carvão, mas o Carlos dissuadira-o.

— Deixa-as, homem; —dissera com um gesto de desprezo—ainda as queres mais pintadas?

Mas a brincadeira findára e todos se foram lavar.

Entretanto, a D. Carolina, com o açafate na mão, oferecia castanhas.

— Mais uma, sr. escrivão!

Este, porém, recusou, com grandes protestos de reconhecimento:

— Obrigadissimo, excelentissima senhora, mas... não posse mais: estou até aqui.—E mostrava com o dedo, comprido e nodoso, o *caroço de Adão*, grande e saliente, como um esgalho adherente a um tronco de marmeleiro estonado.

D'ahi a pouco voltaram os que tinham saido, já lavados e escarolados; com eles vinham as criadas trazendo em bandejas calix e tres garrafas de vinho velho.

O Carlos, logo que lhe déram o copo cheio, começou a examinar o vinho, voltando o copo para a luz, e, emquanto o ia saboreando aos golinhos, cantava, com voz de falsete, uma quadra que em tempos vira n'uma caixa de fosforos:

> — Ele é bom, é genuino,
> E' do tal que faz suar:
> Alegrou-me, poz-me fino,
> Só me prohibe... o andar.

Pela sua parte, o Viriato, que lobrigára um rotulo dourado com a inscrição *Malvazia*, n'uma garrafa despejada, tomára-a para si, e, com voz grossa, profunda, fazia côro com o jornalista cantarolando uma copla do *Mal da Delfina*, de Guilherme Braga:

> Tomei-lhe o gosto, bebi-a;
> Nem uma gôta tem já!
>
> Diz o papel *Malvazia*,—
> Bem vasia é que ela está!
> Ah!... Ah!...

O escrevente lembrou que uma guitarra n'aquela ocasião vinha mesmo *ao pintar*. Porque ele tocava muito bem tanto guitarra como violão. Um primor A propria D. Anna da Annunciação confirmou isto, acrescentando que «era *mesmo* um regalo ouvil-o.»

Foi n'essa ocasião que a D. Ritinha propôz aos rapazes que fizessem um brinde em verso. Voltaram-se logo todos os olhos para o Viriato; este ficou confuso, indeciso. Hesitava. Iam instar com ele, quando a D. Engracia de Albuquerque, que tinha em menos preço as producções do poeta, pediu com voz lenta, pudibunda:

— Que não sejam realistas, sr. Viriato: como estão aqui meninas...

O auctor da *Cronica da semana* voltou-lhe as costas, com ar de soberano desprezo:

— Nem realistas nem sentimentaes, minha senhora; não estou agora para versos.

A D. Mathilde indicou o escrevente que tambem tinha muito geito para a poesia; mas este fez-se rogado. Não queria ceder logo á primeira os productos do seu cerebro priveligiado. Tanto instaram, porém, que conseguiram resolvel-o.

Tomou um lapis, uma folha de papel e foi sentar-se n'um logar distante, com o lapis apoiado no queixo, os olhos idealmente fitos no vacuo, n'uma atitude toda romantica: movia vagarosamente os labios, e, de vez em quando, passava em revista os dedos da mão esquerda, com o ar preoccupado de quem procura a totalidade exáta de uma soma complicada.

A D. Constancinha chegou até a perguntar se ele estaria a fazer alguma conta.

Explicou-lhe logo a D. Mathilde que aquilo era a contagem das sílabas; e acrescentou, muito convencida:

— Este rapaz parece-me inteligente.

O Viriato acudiu logo confirmando; a seu ver, era realmente uma lastima que um rapaz com taes dotes de espirito estivesse vegetando n'um cartorio. Verdade era que o Gomes Leal, um dos melhores poetas da actualidade tambem fôra escrevente na sua adolescencia. No seu entender, o Agostinho era apenas chrysalida de um Junqueiro futuro.

E falava muito sério, sem atentar na D. Adelaide que, ao ouvil-o, abafava no lenço os froxos de riso impertinente.

Os velhos faziam brindes. O escrivão da fazenda brindava á D. Carolina:

— A' sua saude, minha senhora, disse com afabilidade; e, voltando-se para as meninas Almeidas, sempre de copo em punho: A' saude de v. ex.as para que sejam muito felizes que bem o merecem, pois são mesmo duas flores.

Tinha suas vaidades galanteadoras, o sr. Euzebio da Cunha, e fazia alarde de as exhibir em publico.

As meninas sorriam coradas, agradecendo com a cabeça a [illegible] grande confusão de saiadas [illegible]

Tocaram-se os copos, com tilintar alegre.

A proposito, o Carlos lembrou que era necessario cantar as [illegible]nas, que se estavam a fazer [illegible]; D. Carolina interveio logo, asseverando:

— Ai! sr. Carlos! Por as almas, não diga isso. Só tenho aquelas duas!...

— Isso não quer dizer nada, volveu o Carlos ironico. Em poucos anos, aquelas duas, porem-lhe dez uma duzia de netos, que lhe encham a casa.

— Isso tambem não, replicou a D. Carolina zangada. Cazados, apartados. E' lei.

— Lei, não, uzo.

— Pois seja uzo, quero seguil-o á risca.

A discussão ia continuar, quando o escrevente voltou para o grupo. Vinha alegre, radioso, com ademanes de homem que acaba de alcançar uma grande victoria; agitava triunfante por cima da cabeça do rosto a folha do papel coberta de rabiscos, arregaçando ao mesmo tempo os beiços n'um sorriso de satisfação. Uma das creadas, que andava oferecendo doces, chegou-lhe graciosamente a bandeja: ele tirou um biscoito em forma de S, e tomando o calix do vinho, subiu magistralmente para cima de uma cadeira. Ahi, segurando o copo com os dedos polegar e index da mão direita, o papel suspenso da mão esquerda, adotou a atitude de um prégador que se prepara para começar o sermão: tossiu, escarrou, e, em voz alta, pausada, depois de uma inclinação de cabeça aos auditores, começou:

— Visto que me é permitido, proponho um brinde geral...

Mas estacou de repente, afflito, com as faces congestionadas, as lagrimas a espirarem-lhe dos olhos, cobrado a meio, segurando com a mão o peito, emquanto que a boca escancarada dava passagem a uma tosse violenta, prolongada, como as vibrações de um éco: Hau! hau! hau!

Os circunstantes, inquietos, rodeavam-no; a D. Carolina, toda afflita, apertava as mãos na cabeça e dava ordens ás creadas de irem buscar copos de agua; o Carlos, sempre estouvado, batia fortes palmadas nas costas do recitador, e gritava com voz formidavel: «S. Braz, que é rapaz!» Só o Viriato, muito socegado, se não levantára; mas, de longe, com intonação caustica, mordaz, aconselhava o escrevente a que bebesse o vinho para apaçar a tosse, e fizesse depois o brinde com agua doce, para que o liquido absorvido estivesse mais em armonia com os versos recitados.

Foi porém passageiro o incomodo; o escrevente, mal poude falar, contou tudo: uma migalha de biscoito, perdida entre as gengivas, escorregára para a garganta e engasgára-o. Mas estava já bom, e, depois de agradecer as atenções que lhe tinham dispensado, adotou de novo a postura teatral.

Recomeçou:

> Visto que me é permitido,
> Proponho um brinde geral,
>
> Aos alegres companheiros
> D'esta tarde fraternal:
>
> Eu brindo, pois, ás familias,
> A's esposas virtuosas,
> Brindo aos rapazes solteiros
> E ás meninas caprichosas.

E, á proporção que ia fazendo os brindes, agitava o copo, com *ar triunfante* de quem sabe o que vale e a retribuição que o espera.

Todos beberam, menos as meninas, que estavam muito zangadas com o qualificativo; a D. Mathilde até lhe quiz puxar as orelhas, e, se o não levou a efeito, foi porque o Carlos lhe afirmou que era falta de senso fazer ainda maiores umas orelhas que já eram grandes de mais. De resto, o jornalista concordava que as mulheres eram caprichosas, mas o principal pecado das mulheres era a inconstancia. E citava, como argumento irrefutavel, o facto d'elas darem mais credito aos oraculos do que aos amantes.

— Mas é que os oraculos são mais verdadeiros, observou do lado a D. Adelaide.

— Não diga isso, protestaram varias vozes.

O Viriato levantára-se tambem, contestando a veracidade dos oraculos.—Realmente era para sentir que uma menina instruida se deixasse obeiçar a ponto de acreditar em tal suprestição. Ele mesmo podia provar-lhe, se assim o quizesse, a ineficacia dos oraculos.

— Prove-o então.—E a D. Adelaide, ao falar assim, voltára-se para ele, envolvendo-o no seu olhar meigo, doce, prescrutador.

O Viriato sentára-se, e acendendo um cigarro, começou:

«—Tinha eu vinte anos quando isto succedeu.

N'essa cidade, com raras excéções, é-se sempre supersticioso, nomeadamente quando se está apaixonado; e apaixonado, até doidamente apaixonado estava eu então.

Como me não correspondia com a mulher que amava, e eu desejava saber se era ou não correspondido, recorri tambem aos oraculos, consultando tudo quanto podia consultar.

Lancei papelotes na agua no dia de S. João para saber se ela me amava, e no dia de S. Pedro para verificar se ela casaria comigo; consultei as borboletas, tornando as brancas mensageiras do amor e as negras mensageiras do odio; indaguei nos mergulhos dos cysnes nos lagos se eles mergulhavam a cabeça tantas vezes quantas eram as letras que formavam o nome d'ela, o que seria para mim bom signal; consultei as estrelas em noites tempestuosas, pedindo a Deus que m'as mostrasse se porventura eu era amado por quem amava; esfolhei centenas de malmequeres e fiz ainda não sei que outras consultas: e todos me disseram que sim, que ela só a mim amava, que só seria minha.

Pois bem, uma tarde achei-me a sós com ela em casa de um amigo meu; trémulo de alegria e ao mesmo tempo de receio, aproximei-me e contei-lhe tudo: fiz-lhe vêr o quanto tinha sofrido por sua causa, a incerteza que me dominava ácerca do sentimento que ela nutria por mim, e o desgosto que tal incerteza me causava.

Ela ouviu-me atentamente, e, quando eu lhe perguntei se me correspondia, respondeu-me apenas;—Não posso.

— E' falso, — protestou a D. Adelaide;—ela não disse: *não posso;* disse: *não ouço*, porque o senhor tinha-lhe falado muito baixo. De resto,—acrescentou ela com convicção—chamem-me supersticiosa, tola, o que quizerem, que jámais hão-de convencer-me de que os oraculos sejam falsos. O que eles prometem, ha-de impreterivelmente cumprir-se.

30—10—1886.

CAMILO DINIZ.

Bibliografia

—«*A Moda Illustrada.*—Publicou-se o n.º 190, correspondente a 15 de novembro, no qual se encontram os figurinos das ultimas novidades parisienses para senhoras. Os modelos de chapéus e varios outros desenhos que offerece ás suas leitoras, são de muito bom gosto. Traz tambem uma folha de figurinos coloridos, moldes etc., e grande numero de artigos literarios.

Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaia 40 a 52. Preço do numero avulso, contendo folha de figurinos coloridos, 200 reis.»

RÉCLAME

DESDE o dia 1.º de setembro de 1884, um sello de garantia levando as palavras francezas «Union des Fabricants pour la répression de la contrefaçon» (*União dos Fabricantes* para a repressão das falsificações) acha-se applicado como um *sello do correio* sobre todas as caixinhas de pilulas que mesa da pharmacia do Doutor Dehaut de Paris.

Parte Oficial

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 12

Relatorio sobre o comercio, navegação, industria e agricultura no distrito consular de Portugal em New-York, referido ao ano de 1886.

Diario de 13

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diferentes distritos.

Relatorio do consul portuguez em Napoles sobre o comercio, navegação, industria e agricultura no seu distrito consular.

Diario de 15

Varios despachos já conhecidos.

Diferentes despachos eclesiasticos.

Nota do estado da divida flutuante em 31 de outubro de 1886, 8.737:270$122 reis.

Relatorio do consul portuguez em Nantes, sobre o comercio, navegação, industria e agricultura no seu distrito consular, referido ao ano de 1886.

Decreto aprovando as instrucções regulamentares sobre o serviço da permutação de fundos a cargo das estações telegrafo-postaes, tesourarias e recebedorias do continente do reino e ilhas adjacentes.

Telegrafia

Msdrid, 9 (retardado pelo mau estado das linhas telegraficas.—O conselho de guerra condenou a prisão perpetua 83 soldados implicados no pronunciamento de 19 de setembro.

Diz o jornal *El Dia* que nos circulos politicos correm boatos de manejos revolucionarios.

O jornal *A Correspondencia de Hespanha* acrescenta que o governo vigia-os ativamente.

Tirnova, 10 (retardado)—A grande sobranjé decidiu hontem por unanimidade, em sessão secreta, eleger para soberano da Bulgaria o principe Waldemar.

A eleição deve realisar-se hoje, ás 10 horas.

Se o principe Waldemar não quizer aceitar o trono, a regencia dará a sua demissão.

Montevideu, 10—Tomam-se grandes precauções sanitarias contra o colera. Estão fechados os portos do Uruguay ás proveniencias da Republica Argentina.

Tirnova, 10.—A grande assembleia elegeu efetivamente o principe Waldemar soberano da Bulgaria.

O sr. Karavelof deu logo a sua demissão de regente.

A assembleia elegerá ámanhã o seu sucessor.

A regencia enviou imediatamente um despacho ao principe Waldemar, a Canes, participando-lhe ter sido eleito por unanimidade e aclamação.

Vai partir sem demora para Canes uma deputação especial, que lhe levará a ata da eleição.

A regencia diz no seu despacho que espera que o principe aceitará a nobre tarefa de cooperar na felicidade e prosperidade de um povo que tem dado tantas provas de vitalidade, mostrando-se, demais, apto para o progresso e civilisação, e que se apressará em vir tomar as redeas do governo.

O conselho de guerra de Burgas condenou á morte o capitão russo Nabokof, chefe da insurreição d'aquela praça.

São em extremo tensas as relações entre o general Kaulbars e consul alemão em Sofia, por este haver abraçado agora a politica da Austria.

Londres, 11.—Os jornaes inglezes aplaudem a eleição do principe Waldemar mas não crêm que a questão seja facilmente resolvida de vez.

Consta ao jornal *Standard* que o principe de Bismarck voltou mais cedo a Berlim, para facilitar uma composição entre a Inglaterra, Austria e Italia.

S. Petersburgo, 11.—As folhas officiaes russas declaram que a Russia não reconhecerá decisão nenhuma da atual sobranjé bulgara, e que será forçoso eleger outra sobranjé, mas sómente d'aqui a dois mezes afim de dar tempo a que os animos soceguem.

Paris, 11.—Camara dos deputados: O ministro do interior, sr. Sarrien, pediu á camara um credito de 500:000 francos para os inundados.

O rio Pó saiu do seu leito. As planicies estão inundadas.

O sr. Freycinet annunciou á camara a morte do sr. Paulo Bert. A sessão foi levantada, em demonstração de sentimento.

A sobranjé bulgara sómente reune no sabado, afim de dar tempo ao principe Waldemar.

Londres, 12.—(Retardado pelo mau estado das linhas telegraficas.) Assegura-se que o conselho de gabinete, celebrado hontem, tratou unicamente de questões internas.

Nos circulos diplomaticos receia-se que a linguagem do marquez de Salisbury a respeito da Russia tenha consequencias graves. Parece que o conselheiro Staal, embaixador do tzar, fez já algumas representações sobre esse ponto a lord Idesleigh; entretanto o conde de Karolyi embaixador do Austria-Hungria, assevera que não será alterada a paz.

Ha inundações em diversos pontos de Inglaterra.

Tirnova, 11.—(Retardado). A regencia bulgara telegrafou ao rei da Dinamarca, pedindo-lhe que aceite a coroa da Bulgaria para seu filho o principe Waldemar.

O general Kaulbars dirigiu ao governo da regencia uma nova nota, reclamando que sejam postos em liberdade os autores da sublevação da praça de Burgas.

Londres, 12.—A *Saint James Gazete* diz constar-lhe que se deu um incidente desagradavel entre o embaixador da Russia e lord Idesleigh, e acrescenta que o conselheiro Staal vae retirar-se de Londres com licença diuturna.

Viena, 12.—A *Correspondencia Politica* afirma que o gabinete de S. Petersburgo sondou já o principe Nicolau Mingrelia a respeito da sua candidatura ao trono da Bulgaria.

Paris, 12.—Confirma-se a renuncia do principe Waldemar da sua eleição para soberano da Bulgaria.

Tirnova, 13.—Recebeu-se esta noite a resposta do rei da Dinamarca, dizendo que o principe Valdemar não pode aceitar a coroa da Bulgaria na situação atual.

Reuniu-se immediatamente o conselho de ministros, no qual prevaleceu a opinião de que o gabinete não deve demitir-se, mas sim permanecer no poder até que uma pressão exercida por força material o obrigue a retirar-se.

Paris, 13.—As informações recebidas de Viena até agora, não confirmam de modo algum os boatos d'um acordo entre a Austria-Hungria e a Gran-Bretanha. Pelo contrario, a Austria-Hungria

pârece resolvida a continuar a aliança dos tres imperios.

E', pois, de crer que todo e qualquer incidente que provenha da Russia com respeito á questão bulgara, possa compôr-se pelos meios diplomaticos ordinarios.

Tirnovo, 12.—E' provavel que a grande *sobranié* seja encerrada ámanhã, ainda mesmo que não chegue a resposta do rei da Dinamarca.

Londres 13.—Despachos do Afghanistan dizem que foi esmagada a revolta dos ghilzais e exterminados os rebeldes. O general afghan enviou para Cubal dez carros cheios de cabeças cortadas.

Tirnovo, 13.—O sr. Karavelof será substituido na regencia pelo sr. Givkof.

A grande *sobranié* será encerrada hoje. Os regentes e o ministerio partirão ámanhã ou segunda-feira para Sofia.

Paris, 14.—Os jornaes confirmam que o sr. de Freycinet ofereceu o logar de residente geral da França no Tonkim ao sr. Rouvier, presidente da comissão do orçamento. O sr. Rouvier parece estar disposto a aceitar.

Madrid, 14.—Bolsim da noite, (á 1 hora da manhã)—Contado 64,90; fim do mez, 65,00.

Bud-Pest, 13.—O conde Kalnoky terminando o seu discurso, disse que são excelentes as relações com todas as potencias, acrescentou que, se a intervenção ática da Austria Hungria no Oriente fosse a final necessaria, não lhe faltariam amisades e auxilios; reconheceu que o principe de Bismarck declarou que a Alemanha não tem interesse a defender nos Balkans, mas existe perfeita harmonia e absoluta cordialidade entre os gabinetes de Berlim e Viena para salvaguardarem a paz geral; afirmou que são muito amigaveis as relações com a Russia, e, quando ha divergencias de opinião, as explicações são francas e cordiaes; crê que o tzar é pacifico e ha de respeitar os tratados; acredita na cooperação da Inglaterra, se fosse precisa, para a manutenção da paz; nota os mesmos sentimentos na Italia; por conseguinte espera que a atual crise não ha de alterar a paz, porque não lesará os interesses geraes nem os interesses da Austria-Hungria.

Paris, 14.—Continuam baixando as aguas do Rodano.

O sr. Boulanger, ministro da guerra, proferindo hoje um discurso na reunião anual das sociedades de ginastica, disse que a educação militar da mocidade franceza não tem por fórma alguma carater agressivo; que todo o paiz, que devéras quer viver, deve ser forte. O ministro acrescentou: «Prosigamos sem cessar na preparação para a guerra, porque é isto a garantia unica de uma paz duradoura.»

Sofia, 14.—O general Kaulbars exige a demissão dos comandantes militares de Filipopolis que ordenaram a prisão de Rawas, funcionario do consulado da Russia, e marcou o praso para se dar satisfação á sua exigencia até ao dia 17 do corrente.

Madrid, 15.—No *punch* que a Associação Patriota da Armenia ofereceu hontem á noite em Paris, no Café Riche, ao sr. Emilio Castelar, este respondeu aos varios brindes, dizendo que o centenario de 1889 será um grande ensinamento para o futuro.

Londres, 15.—Os jornaes inglezes não se mostram satisfeitos com as declarações do conde de Kalnoky, vendo n'elas um indicio de que a Austria-Hungria intervirá a favor dos bulgaros, se os seus proprios interesses forem ameaçados; concluem todavia do discurso do conde, que a Russia não ocupará a Bulgaria.

O jornal *Times* aconselha aos bulgaros uma politica mais energica; expulsar os conspiradores russos e castigar severamente os traidores bulgaros.

Sofia, 14.—O discurso do conde de Kalnoky, na delegação hungara, impressionou favoravelmente os bulgaros que vêm n'ele a disposição da Europa para resolver a questão da Bulgaria na conformidade do tratado de Berlim.

S. Petersburgo, 15.—Os jornaes russos apreciam desfavoravelmente o discurso do conde de Kalnoky, dizendo que o tom d'esse discurso, vago e equivoco, de nenhum modo constitue uma solida garantia para a manutenção da paz.

O *Novosti* expressa-se n'estes termos: Se os homens de Estado austriacos falam já em tom de matamouros, ha razão para supôr-se que os seus discursos brevemente se tornarão provocadores e então será forçosa a mobilisação das forças russas.

Madrid, 16.—O paquete da Companhia Transatlantica Hespanhola que ia em viagem para as Canarias, encontrou no dia 11 do corrente, perto da costa de Portugal, uma fragata incendiada, cuja nacionalidade não foi possivel reconhecer. A tripulação tinha abandonado o navio.

Carta de Lisboa

16 de novembro de 1886.

Bem lhe dizia eu ainda ha poucas semanas, que se esperava que o governo alcançasse enorme triunfo nas eleições municipaes e distritaes. Os meus vaticinios sairam certos, pois o triunfo alcançado pelo partido progressista nas eleições que se verificaram domingo, não tem precedentes entre nós. Tamanha derrota nunca a sofreu em Portugal partido algum.

— Uma outra noticia não menos agradavel lhe vou comunicar tambem, e é de que se acha completamente restabelecido o sr. conselheiro José Luciano de Castro, presidente do conselho de ministros. Espera-se que ainda esta semana voltará ao seu ministerio, onde continuará a dirigir os trabalhos da sua pasta.

— Foi nomeado chefe da seção technica da repartição de instrução agricola e matas do ministerio das obras publicas o 2.º oficial sr. D. Fernando de Sousa Coutinho.

— A Sociedade Promotora de Belas-Artes realisará no primeiro domingo de maio de 1887 a 14.ª exposição anual, devendo os quadros ser entregues até ao dia 10 de abril do proximo anno.

— Faleceu a sr.ª D. Maria do Carmo Latino Coelho, irmã do distinto academico o sr. José Maria Latino Coelho.

— Foi mandado instaurar processo na alfandega por ter um negociante tentado falsificar diversos documentos de despacho.

— Partiram para Inglaterra as tripulações dos novos barcos torpedeiros que ali se estão construindo.

— São esperadas em Lisboa as canhoneiras *Liberal, Zaire, Rio Ave* e o hiate *Visconde da Praia Grande*.

— A Companhia Zaire ofereceu um relogio ao sr. Paulo Teves, por ter socorrido a barca *Cold Stream*, que estava em perigo.

— Em substituição da extinta seção de geologia, foi creada uma comissão composta d'um engenheiro diretor e dos engenheiros de minas que as necessidades do serviço exigirem.

— Foi exonerado o comissario de policia de Beja.

— Ordenou-se que fosse elevado a doze mezes o praso para o deposito de mercadorias nas alfandegas pertencentes ao segundo grupo.

— O *Diario do Governo* publicou instruções regulamentares para o serviço de permutação de fundos a cargo das estações telegrafo-postaes, tesourarias e recebedorias continentaes.

— Foi nomeado instrutor da escola de marinheiros do Porto, a bordo da corveta *Sagres*, o sr. tenente Pinto Goulão.

— O engenheiro sr. Neves Cabral foi nomeado vogal efétivo da junta consultiva de obras publicas.

— Regressou a Lisboa vindo de Pariz o sr. conselheiro Antonio Augusto de Aguiar.

— Foi nomeado diretor dos trabalhos geologicos, o sr. Filipe Nery da Encarnação Delgado, engenheiro de minas.

— Parece que o couraçado *Vasco da Gama* irá breve a Londres receber novas caldeiras.

— O 1.º tenente da armada, sr. João Alberto Godinho de Faria e Silva, foi exonerado, pelo pedir, de ajudante da 1.ª direção do arsenal da marinha, com exercicio de secretario do conselho administrativo do referido arsenal, passando estas funções a ser desempenhadas pelo ajudante da mencionada direção, o sr. capitão-tenente, supranumerario, Caetano Rodrigues Caminha.

Y.

Edital

O Recebedor da Comarca d'Aveiro faz saber, que em virtude do decreto de 2 do corrente, artigo 2.º, publicado no *Diario do Governo* n.º 230, fica transferida para o proximo mez de janeiro a cobrança da contribuição industrial de 1886, abrindo-se o cofre na mesma epoca em que se abre para a recepção da contribuição predial.

Aveiro 9 de novembro de 1886.

J. E. d'Almeida Vilhena.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

O REGULO

OU O REI PROSCRIPTO DE OVAR

Um volume de 136 paginas, em 4.º grande e bom papel—brochado 250 reis—cartonado 350 reis,

Envia-se pelo correio, franco de porte, a quem enviar a sua importancia em sellos postaes a Manuel José Soares dos Reis, antigo ex-proprietario e redactor do jornal *O Ovarense*.=Rua dos Mercadores, 19 a 23.=AVEIRO.

CODIGO ADMINISTRATIVO

APROVADO POR

Decreto de 18 julho de 1886

Com um apendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicada até hoje, incluindo o Regulamento do Processo Administrativo e um copioso repertorio alfabetico,

Preço, 200 reis. Pelo correio, franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas. A' venda na livraria—CRUZ COUTINHO—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20 Porto.

P. L. M.

GRANDE ROMANCE PARISIENSE

DE

XAVIER DE MONTEPIN

Em 6 volumes ilustrados
com 18 cromo-litografias, aguareladas
por Manuel de Macedo
e executadas na litografia Guedes

Tradução de A. M. da Cunha e Sá

10 réis cada folha—10 reis cada cromo—20 reis cada capa habilmente colorida. Brinde a todos os srs. assignantes: Um almanach ilustrado para 1888 e a capa do 1.º volume colorida.

Lisboa, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adiantadamente. Vejam-se os prospétos e os albuns-specimens:

Assigna-se na casa editora Corazzi, 42, Rua da Atalaya, no Deposito, Rua dos Retrozeiros, nas livrarias e correspondentes da mesma caza.

ANUNCIOS

EDITAL

268 PELA Secretaria da Camara Municipal do concelho d'Aveiro, correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este em qualquer jornal d'esta localidade, citando o mancebo Manuel, filho de José Gonçalves Ramalho e de Roza Dias, d'Eixo, o qual, tendo sido procurado, não foi encontrado, para, no praso de cinco dias, depois de findar os editos, comparecer n'esta Secretaria para ser inspeccionado como recruta de 1885, suplente da 2.ª reserva, sob pena de ser autoado como infractor, e julgado refractario.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 14 de novembro de 1886. E eu Manuel Marques, amanuense, servindo de escrivão da Camara, que o escrevi.

O Presidente da Camara
Manuel Firmino d'Almeida Maia.

CÃO

269 PERDEU-SE um felpudo, pequenino, branco, tosquiado do meio para traz. Quem o entregar no Hotel Cysne do Vouga, ou indicar onde elle está, receberá grandes alviçaras.

10

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*palidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B.—O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reflexivo, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui junctos.

Pharmac^n em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

Annuncio

264 ALBINO DAS NEVES, assistente na villa de Ilhavo, tenciona pôr á venda, no dia 28 de novembro, pelas 10 horas da manhã, um char-á-banc de 11 logares, em bom uzo, dois carros de duas rodas, tambem em bom uzo, dois cavallos e tres eguas, todos a puchar a carros, assim como os arreios competentes e mais pertences. Quem pretender, compareça em casa do annunciante n'aquelle dia e hora.

L'EAU LÉCHELLE

Hemóstatica, é empregada contra os *fluxos*, a *anemia*, a *fraqueza*, as *molestias do peito e dos intestinos*, os *escarros de sangue*, os *catharros*, a *desintheria*, etc. Renova o sangue e fortifica todos os orgãos.

O doutor **Heurteloup**, medico dos hospitaes de Paris, reconheceu as propriedades curativas de **L'Eau de Lechelle**, em diversos casos de fluxos uterinos e hemorragias.

Deposito geral, rua St. Honoré, 378 em Pariz. 250

DIRECÇÃO

5

DAS

OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

ESTRADA REAL N.º 42 DE VIZEU AO PORTO

LANÇO DO MORADAL A SANTA CRUZ

ARREMATAÇÃO

265 PELA Direcção das Obras Publicas do districto de Aveiro se faz publico que no dia 30 do corrente, pelas 12 horas, serão recebidas perante a Administração d'este concelho propostas separadas em carta fechada para a execução de terraplenagens e fornecimento de materiaes a fim de ser construida a parte do referido lanço entre os perfis 97 e 334 na extensão de 3:250^m,00.

BASES DE LICITAÇÃO

N.º 1=Terraplenagens completas, 8:000$000 reis. Fornecimento de 2:800^mc,0 de alvenaria, 1:260$000 reis	9:260$000
N.º 2=Fornecimento de 5^m,00 de cantaria, em desbaste (granito)	24$000
N.º 3=Idem de 25^mr,00 de cal viva	150$000
N.º 4=Idem de 1:000^mc,0 de saibro	400$000
N.º 5=Idem de 30^mc,0 de lagedo (granito)	96$000
N.º 6=Idem de 60^mc,0 de seixo para calçadas (quartz)	24$000
N.º 7=Idem de 4:041^mc,0 de pedra britada (perfis 0 a 334 granito ou quartz)	2:020$500

São prevenidos os concorrentes de que nos termos do artigo 1.º das condições geraes de 8 de março de 1861 e mais legislação em vigor, devem provar por documento authentico ter depositado na Caixa Geral dos Depositos ou em alguma das suas delegações a quantia de 25 por cento sobre a base de licitação respectiva, sem o que não serão admittidos ao concurso. Para a licitação sobre a empreitada parcial n.º 1 é, além d'isso, indispensavel a prova de competencia para a execução dos trabalhos.

O deposito definitivo, no caso da adjudicação, será de cinco por cento. Todas as condições e mais esclarecimentos sobre este concurso estão desde já patentes n'esta Secretaria todos os dias não sanctificados desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Aveiro e Direcção das obras publicas, 12 de novembro de 1886.

O engenheiro director
Antonio Ferreira d'Araujo e Silva.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores*, etc.; 20 annos de maior **successo** attestam a efficacia d'este excelente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito em todas as pharmacias.—Pariz, rue de Seine, 31. 267

NOVO DEPOSITO

DE

MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

Rua Direita—Aveiro

Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

3

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi com tudo que tenho sempre na meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc. 52

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

7

NUMERO TELEPHONICO 168

CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

FUNDIÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES A' PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS

LANCHA de ferro a vapor; construida em 1883, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metallicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação ndição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaes que obras de ferro ou madeira, para construcções civis mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como **telhado, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.**

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 1, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro, Lisboa.

SAUDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha *de Sande*,

Revalescière

DU BARRY, DE LONDRES

40 annos d'invariavel successo

266 COMBATENDO as indigestões (dispepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargos na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetis, debilidade, todas as dasordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue: 100:000 curas, entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa Pio IX, de S. M. o Imperador da Russia, do duque de Pluskow, das ex.^mas sr.^as marqueza de Brehan, duqueza de Castlestuart, dos ex.^mos srs. lord Stuart de Decies, par de Inglaterra, o doutor e professor Wurzer, o professor doutor Benecke, etc., etc.

N.º 49:842: M.^me Marie Joly, de cincoenta annos de constipação, indigestão, nervos, insomnias, asthma, tosse, flatos, espasmos e nauseas. — N.º 46:270: M. Roberts, de uma constipação pulmonar, com tosse, vomitos, constipação e surdez de 25 annos.—N.º 46:210: O doutor em medicina Martin, d'uma gastralgia e irritação de estomago, que o faziam vomitar 15 a 18 vezes por dia, durante oito annos.—N.º 46:218: O coronel Watson, de gotta, nevralgia e constipação obstinada. — N.º 18:744: O doutor em medicina Shorland, de uma hydropisia e constipação. N.º 49:522: M. Baldwin, completa prestração, paralysia da bexiga e dos membros, em consequencia de excessos da mocidade.

Cura n.º 50:416: O sr. doutor Benecke, professor de medicina na Universidade, refere-se da maneira seguinte á clinica de Berlin, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á **Revalescière du Barry**.

«A creança, na idade de quatro mezes, soffria, sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos, que resistiam a todos os tratamentos da sciencia medica. A **Revalescière** restabeleceu-lhe completamente a saude em seis semanas.»

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.

Preços fixos de venda em toda a peninsula:—Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500 réis; de 1/2 kilo, 800 réis; de 1 kilo, 1$400 réis; de 2 1/2 kilos, 3$200 réis; de 6 kilos, 6$000.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalescière Chocolatada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes curas ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, *sem esquentar; os preços são os mesmos da* **Revalescière.**

DU BARRY & C.ª LIMITED — 8, rue Castiglione, Pariz; 77, Regent Street, Londres.

DEPOSITOS—Em Aveiro: F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto: Cassels & C.ª, 127, rua de Mousinho da Silveira.

21

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos

LARGO DA CADEIA

CONTRA A TOSSE

Xarope Peitoral James, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

O MELHOR PURGANTE

138 TODOS os padecimentos cuja cura depende da applicação de um bom purgante dasapparecem rapidamente com o uso das pilulas purgativas da Moura que são indubitavelmente o melhor dos purgantes até hoje conhecidos. A sua acção é muito suave e nada irritante, o seu effeito seguro e rapido; o seu preço excessivamente modico e a sua administração da maneira mais facil e mais prompta. Os milhares de caixas que se vendem annualmente, tanto no paiz como no estrangeiro, mostram á evidencia a superioridade d'este precioso medicamento purgativo. Preço 300 reis, Depositarios em Lisboa, Pimentel e Quintans, 194, rua da Prata, (a esquina da travessa da Assumpção.) Venda por grosso, Felix & Filho. Porto.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

São falsificadas as pilulas em cujas caixas não for o nome Felix e Filho.

INJECÇÃO MOURA

140 ESTA efficaz injecção é a unica que cura em poucos dias, sem produzir damno algum toda a qualidade de purgações, tanto antigas como modernas, ainda as mais rebeldes. Deposito no Porto pharmacia Felix e Filho. Frasco 600 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*.

Exija-se a assignatura de RAQUIN

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES

78, Faubourg Saint-Denis, Pariz,

E em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

ACABAM AS DORES

139 COM a applicação do afamado balsamo anodyno de Moura, cuja efficacia é incontestavel nos rheumaticos, nas nevralgias, nas distenções de tendões, etc. Numerosos attestados de pessoas distinctissimas de paiz e estrangeiros, entre os quaes muitos do medicos de subido merito, provam a grande superioridade d'este medicamento, hoje universalmente usado, sobre outros aconselhados para as mesmas molestias. Preço 500 reis. No Porto, Felix e Filho, S. Domingos, 46.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz e Filho.

Deposito em Setubal, Antiga Ribeira, 15 a 19.

Previne-se o publico para não ser illudido que é falsificado o balsamo em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.

GOTTA E RHEUMATISMOS

CURA certa pelo **LICOR** e pelas **PILULAS** do Dr **Laville**

Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos *analysados e approvados* pelo Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr **OSSIAN HENRY**.

O **LICOR** *toma-se para curar os accessos.*—As **PILULAS** *tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*

Para premunir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura

Venda por atacado em PARIS: COMAR, Pharmaceutico, rue St-Claude, 32

DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

Docteur da Faculdade de Paris.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79

PEGADO A' CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VINDE VER AS

Excelentes e ainda não igualadas maquinas de coser de **LANÇADEIRA OSCILANTE**, que esta Companhia tem á venda.

As suas grandes vantagens são

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem igual.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu maquinismo é ajustavel e com o uso e os anos está a maquina sempre perfeita.

GARANTIDA POR 12 ANOS

SINGER

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

SINGER

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e ainda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro

SINGER

Para familias, asfaiates, modistas, chapeleiros, sapateiros e correeiros.

SINGER

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

SINGER

A que fabrica e vende diretamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

SINGER

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 maquinas! devido isto á sua grande acceitação, suplantando assim todos os outros sistemas modernos, que jámais poderão competir com a maquina SINGER.

SINGER

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal. 56

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO.